

1492

TRECHO DO LIVRO

A Europa provinciana e renascentista, mediterrânea, se transforma na Europa "centro" do mundo: na Europa "moderna". Dar uma definição "européia" da Modernidade é não entender que a Modernidade da Europa torna as outras culturas "periferia" sua. Trata-se de chegar a uma definição "mundial" da Modernidade... A América não é descoberta como algo que resiste distinta, como o Outro, mas como a matéria onde é projetado "o si-mesmo": encobrimento... A Europa tornou as outras culturas, mundos, pessoas, em objeto lançado diante de seus olhos. O "coberto" foi "des-coberto": europeizado, mas imediatamente "en-coberto" como Outro.



VOZES

Uma vida pelo bom livro

ISBN 85.326.1045-5



Capa: Marcelo Pimentel

1492: O ENCOBRIMENTO DO OUTRO

Enrique Dussel



1492

A origem
do mito da
modernidade

O ENCOBRIMENTO DO OUTRO



Enrique Dussel



VOZES

Apêndice 1:

Diversos sentidos das palavras "Europa", "Ocidente", "Modernidade", "capitalismo tardio", 181

Apêndice 2:

Dois paradigmas de modernidade, 185

Apêndice 3:

O descobrimento do Atlântico até 1502, 191

Apêndice 4:

Mapa da "Quarta Península Asiática" de Henricus Martellus (Florença, 1489), 192

Cronologia, 194**PALAVRAS PRELIMINARES**

A Modernidade, para muitos, é um fenômeno só e exclusivamente europeu. Pensam assim, obviamente, Charles Taylor¹, Stephen Toulmin² ou Jürgen Habermas³. Em suas exposições eles podem se referir só a fatos e autores europeus (norte-americanos) para explicar a referida Modernidade. Nestas conferências queremos provar que a Modernidade é realmente um fato europeu, mas em relação dialética com o não-europeu como conteúdo último de tal fenômeno. A Modernidade aparece quando a Europa se afirma como "centro" de uma História *Mundial* que inaugura, e por isso a "periferia" é parte de sua própria definição. O esquecimento desta "periferia" (e do fim do século XV, do século XVI e começo do século XVII hispano-lusitano) leva dois grandes pensadores contemporâneos do "centro" a cair na *falácia eurocêntrica* no tocante à compreensão da Modernidade. Se o diagnóstico é parcial, provinciano, a tentativa de crítica ou plena realização é igualmente unilateral e parcialmente falsa.

Trata-se de ir à origem do "Mito da Modernidade". A Modernidade tem um "conceito" emancipador racional que afirmaremos, que subsumimos. Mas, ao mesmo tempo, desenvolve um "mito" irracional, de justificação da violência, que devemos negar, superar. Os pós-modernos criticam a razão

moderna porque é uma razão do terror; nós criticaremos a razão moderna por encobrir um mito irracional. A necessidade da "superação" da Modernidade é o que procuramos mostrar nestas conferências. "A *Trans-modernidade* é um projeto futuro" e poderia ser o título deste ciclo de conferências. Como se trata só de uma introdução, um prolegômeno, pensamos em lhe dar de preferência seu caráter histórico.

O ano de 1492, segundo nossa tese central, é a data do "nascimento" da Modernidade⁴; embora sua gestação – como o feto – leve um tempo de crescimento intra-uterino. A modernidade originou-se nas cidades européias medievais, livres, centros de enorme criatividade. Mas "nasceu" quando a Europa pôde se confrontar com o seu "Outro" e controlá-lo, vencê-lo, violentá-lo: quando pôde se definir como um "ego" descobridor, conquistador, colonizador da Alteridade constitutiva da própria Modernidade. De qualquer maneira, esse Outro não foi "descoberto" como Outro, mas foi "en-coberto" como o "si-mesmo" que a Europa já era desde sempre. De maneira que 1492 será o momento do "nascimento" da Modernidade como conceito, o momento concreto da "origem" de um "mito" de violência sacrificial muito particular, e, ao mesmo tempo, um processo de "en-cobrimento" do não-europeu.

Ao proferir estas conferências em Frankfurt queremos citar alguns dos grandes pensadores desta cidade: desde Hegel – que tem sua etapa jovem de Frankfurt – até à chamada Escola de Frankfurt⁵. Nestas conferências tratar-se-ia de introduzir, a partir de uma reflexão sobre um fato histórico, um discurso que deverá se desenvolver no futuro num sentido mais crítico ainda. Trata-se de tornar claro a possibilidade de um diálogo intercultural, interfilosófico, que já iniciamos com Karl-Otto Apel. Para muitos, como para Montaigne ou Richard Rorty, a existência empírica de diversas culturas, "mundos da vida", são incomunicáveis, incomensuráveis. A tarefa, repito, deverá consistir em desenvolver uma "teoria" ou "filosofia do diálogo" – como parte de uma "filosofia da libertação" do oprimido, do incomunicado, do excluído, do Outro. Deverão ser analisadas as condições de possibilidade histórica hermenêutica da "comunicação" intercultural. Para a "filosofia da libertação", que parte da Alteridade,

do "compelido"⁶ ou do "excluído" (a cultura dominada e explorada), do concreto-histórico, trata-se de mostrar essas condições de possibilidade do diálogo, a partir da afirmação da alteridade e, ao mesmo tempo, da negatividade, a partir de sua impossibilidade empírica concreta, pelo menos como ponto de partida, de que "o excluído" e "dominado" possa *efetivamente* intervir, não digo numa "argumentação", nem sequer numa "conversação" – como propõe Rorty, porque ele mesmo, que nega a possibilidade de um diálogo propriamente racional (que é o que tentamos), também não leva a sério a situação assimétrica do excluído, do outro.⁷

Quero que conste que escrevo estas Palavras Preliminares aqui em Sevilha, no começo da redação destas conferências. Esta, que foi terra de mouros, de muçulmanos até àquele trágico 6 de janeiro de 1492 quando os reis católicos ocuparam a refinada Granada, entregue por Boabdil, o último sultão que pisou terra européia, como término da Idade Média. No acampamento dos bárbaros cristãos (quando comparados com a sutileza, educação, boas maneiras do antigo califado de Córdoba) caminhava apressado "vendendo" sua idéia aos reis (o que, senão isso, são as *Capitulações de Santa Fé*?) um atrevido navegante do Mediterrâneo – haveria de ser o *último* navegante de um Mediterrâneo ocidental e *periférico* do mundo muçulmano – que tentava chegar à Índia pelo Mar Oceano, só um mar secundário até esse momento, chamado Atlântico. Assim como os cristãos ocuparam Málaga (ontem proferi uma conferência neste porto e pensava em tudo isto), cortando à faca as cabeças dos andaluzes muçulmanos em 1487, assim também acontecerá com os índios, habitantes e vítimas do novo continente "descoberto"⁸. Alianças e tratados nunca cumpridos, eliminação das elites dos povos ocupados, torturas sem fim, exigência de trair sua religião e sua cultura sob pena de morte ou expulsão, ocupação de terras, divisão dos habitantes entre os capitães cristãos da "Reconquista". O "método" violento foi experimentado durante séculos aqui em Andaluzia. A violência vitimária e sacrificial pretensamente inocente iniciou seu longo caminho destrutivo.

Junto a Guadalquivir, em Sevilha, à sobra da Torre do Ouro – que nos recorda o Século de “Ouro”, a Costa das “Pérolas”, a Costa do “Ouro” (Panamá), a Costa “Rica”, o Porto “Rico”, a “Argentina” (de *argentum*, prata)⁹ – torre para a qual “muita prata que aqui se tira e vai para esses Reinos (Europa), é beneficiada com o sangue dos índios e vai embrulhada em seus couros”¹⁰; torre pela qual a riqueza indiana passou para Flandres e depois para a Inglaterra; da África para a Índia e a China; torre... onde um novo “deus” começou a ser idolatricamente adorado,... exigindo vítimas para a sua violência, e continua exigindo-as em 1992.

O que devemos lembrar no dia 12 de outubro de 1992, e depois, é o tema destas conferências. Qual deveria ser nossa opção racional ou ética diante de um fato que é um marco na história mundial certamente, mas banalizado pela propaganda, pelas disputas superficiais ou pelos interesses políticos, eclesiásticos ou financeiros?

Gostaria finalmente de agradecer à Universidade Johann Wolfgang Goethe de Frankfurt (Alemanha) por me ter convidado para proferir estas oito conferências de outubro a dezembro de 1992¹¹; também à Universidade de Vanderbilt (Mashville, EE.UU.), onde lecionei no semestre de outono de 1991; e de maneira muito especial ao Departamento de Filosofia da UAM/Iztapalapa e ao Sistema Nacional de Investigaciones (México), que permitiram que eu me ocupasse com o tema.

Enrique Dussel
México, 1992

Notas

1. *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, Harvard University Press, Cambridge, 1989. Dedicaremos em futuro próximo um trabalho ao filósofo canadense que nos visitará no México.

2. *Cosmopolis. The Hidden Agenda of Modernity*, Macmillan, Nova Iorque, 1990. Ai não há referência ao problema de 1492.

3. Por exemplo: *Der philosophische Diskurs der Moderne*, Suhrkamp, Frankfurt, 1988 (*El discurso filosófico de la modernidad*, Taurus, Buenos Aires, 1989).

4. Sobre este tema temos alguns trabalhos publicados: La cristiandad moderna ante el otro. Del indio ‘rudo’ al ‘bon sauvage’. *Concilium* 150 (1979): 498-506; Expansión de la cristiandad, su crisis y el momento presente. *Concilium* 164 (1981): 80-89; Del

descubrimiento al desencubrimiento. Hacia um desagravio histórico. *Concordia*, Frankfurt, 10 (1986): 109-116; e em *Otra visión del descubrimiento. El camino hacia un desagravio histórico*. In: *Cuadernos Americanos*. Nueva época, México, UNAM, vol. 3 (1988), p. 34-41; 1492: Diversas posiciones ideológicas. In: *1492-1992: la interminable conquista. Emancipación e identidad de América Latina*. México, 1990, p. 77-97; Las motivaciones reales de la conquista. *Concilium* 232 (1990): 403-415.

5. Diga-se de passagem, foi um judeu argentino – de meu país de origem, portanto – que iniciou o fundo que possibilitou os gastos econômicos do Instituto que Horkheimer, entre outros, fundou. Quer dizer, o valor objetivado do gaúcho e peão do campo argentino nas carnes de gado e no trigo dos Pampas foi transferido para a Alemanha e deu origem à tão prestigiosa Escola. É em nome desses semi-índios, desses pobres, desses vaqueiros de minha terra, que deram suas vidas, que se objetivaram nas mercadorias dos ricos e latifundiários (como a família fundadora do Instituto, que fazia comércio com o império inglês), é em nome deles e como que pedindo contas de qual foi o uso que foi feito do fruto de suas vidas, que me atrevo a dar estas conferências aqui e agora. Além disso, também àquelas terras, a Buenos Aires em 1870, um pobre carpinteiro socialista e luterano de Schweinfurt an Main (a poucos quilômetros daqui) chegava pedindo trabalho, segurança e paz: chamava-se Johannes Kaspar Dussel. Foi recebido sem empecilhos, deram-lhe todas as oportunidades, constituiu família e morreu naquelas terras; era meu bisavô. Enquanto que hoje, quando chegam a estas terras alemãs tantos estrangeiros... eles são repudiados, expulsos, tratados... como turcos! Este país se esqueceu da hospitalidade que foi dada a seus pobres no século XIX em outras terras!

6. Ver o sentido de *compellere* na disputa de 1550 em Valladolid: Conferência 5,1.

7. Seu ponto de partida é o “we liberal Americans”, mas não “nós os astecas ante Cortês”, ou “nós os latino-americanos ante um norte-americano em 1992”. Neste caso nem a conversa é possível.

8. Pedro de Alvarado usará o mesmo modo de violência sacrificial na matança de 23 de maio de 1520 em México-Tenochtitlán.

9. Os europeus espanhóis viam riquezas onde não havia, era como a miragem infinita do ouro como dinheiro naquele mercantilismo mundial nascente.

10. Carta do bispo Juan de Medina y Rincón, Michoacán, de 13 de outubro de 1583 (Arquivo General de Índias, Sevilha, México 374).

11. Proferi conferências sobre o sentido de 1492 em Sevilha e Pontevedra na Espanha em outubro de 1991; em Mariknoll, Nova Iorque; no seminário Columbus Paradox da UCLA, Los Angeles; nas Cole Lectures da Vanderbilt University, Ten. USA; na Universidade de Freiburg, Suíça; e em outras universidades da Alemanha, Áustria, México, Bolívia, Colômbia, etc.

PARTE I

DESDE O "EGO" EUROPEU: O "EN-COBRIMENTO"

Nesta primeira parte nos situaremos intencionalmente na perspectiva européia. Metodicamente, para nós, é uma das perspectivas e a desenvolveremos o mais completamente possível. Por se tratarem de conferências curtas, só poderão ser esquemáticas; sugerem temas, mas de modo algum podem esgotá-los. São por isso "figuras" abstratas do processo de constituição da subjetividade moderna, do "ego" que, de 1492 a 1636 (quando Descartes exprime definitivamente o eu penso no *Discurso do método*¹), primeiro momento da "constituição histórica" da Modernidade. Espanha e Portugal (a este último não poderemos dedicar nossas reflexões para não nos estendermos excessivamente) do final do século XV já não são mais um momento do mundo propriamente feudal. São mais nações renascentistas: são o primeiro passo rumo à modernidade propriamente dita. Foi a primeira região da Europa a ter a "experiência" originária de constituir o Outro como dominado e sob o controle do conquistador, do domínio do *centro* sobre a *periferia*. A Europa se constitui como o "centro" do mundo (em seu sentido planetário). É o nascimento da Modernidade e a origem de seu "Mito"!

Para nós é importante incluir a Espanha no processo originário da Modernidade, já que ao final do século XV era a única

potência européia com capacidade de "conquista" territorial externa (e tinha provado isso na "reconquista" de Granada), porque desta maneira a América Latina redescobre também seu "lugar" na história da Modernidade. Fomos a *primeira* "periferia" da Europa moderna; quer dizer, sofremos globalmente desde nossa origem um processo constitutivo de "modernização" (embora naquele tempo não se usasse esta palavra) que depois se aplicará à África e Ásia. Embora nosso continente já fosse conhecido – como prova o mapa mundi de Henricus Martellus em Roma em 1489 –, só a Espanha, graças à habilidade política do rei Fernando de Aragão e a ousadia de Colombo, tentou formal e publicamente, com os correspondentes direitos outorgados (e em franca competição com Portugal), lançar-se ao Atlântico para chegar à Índia. Este processo não é anedótico ou simplesmente histórico: é, além disso, o processo originário da *constituição da subjetividade moderna*.

Nota

1. Germán Marquín Argote defendeu uma tese sobre *Interpretación del "Cogito" cartesiano como modelo de hermenéutica latinoamericana*. Universidad S. Tomás de Aquino, Bogotá, 1980. Ai estuda comparativamente meu pensamento sobre o *ego cogito* relacionado ao *ego cogito*, com excelentes textos comprobatórios de Descartes quanto à consciência que tinha de se situar diante do "descobrimento de um Novo Mundo".

Conferência 1 O EUROCENTRISMO

A história universal vai do Oriente para o Ocidente. A Europa é absolutamente o fim da história universal... A história universal é a disciplina da indômita vontade natural dirigida para a universalidade e a liberdade subjetiva (Hegel, *Filosofia da História Universal*).

No "conceito emancipador de Modernidade está encoberto um "mito" que iremos desenvolvendo no decorrer destas conferências. Por ora desejamos, em primeiro lugar, tratar um componente mascarado, sutil, que jaz em geral debaixo da reflexão filosófica e de muitas outras posições teóricas do pensamento europeu e norte-americano. Trata-se do "eurocentrismo" – e seu componente concomitante: a "falácia desenvolvimentista"¹. Consideremos o que Kant nos diz em sua Resposta à pergunta: o que significa a Ilustração? naquele distante ano de 1784:

Ilustração é a saída² por si mesma da humanidade de um estado de imaturidade culpável... A preguiça e a covardia são as causas pelas quais grande parte da humanidade permanece prazerosamente nesse estado de imaturidade³.

Para Kant a "imaturidade" ou "minoridade" é culpada. A "preguiça" e a "covardia" constituem o *ethos* desta posição existencial. Hoje devemos fazer a Kant esta pergunta: um africano na África ou como escravo nos Estados Unidos no século XVIII, um indígena no México ou um mestiço latino-americano depois, devem ser considerados nesse estado de imaturidade culpável?

Vejamos como Hegel responde à pergunta. Nas Lições sobre a Filosofia da História Universal mostra como a História Mundial é a auto-realização de Deus (uma *teodicéia*⁴), da Razão, da Liberdade. Na realidade é um processo rumo à *Ilustração*:

A história universal representa... o *desenvolvimento* da consciência que o Espírito tem de sua liberdade e também a evolução da realização que esta obtém por meio de tal consciência. O *desenvolvimento* implica uma série de fases, uma série de determinações da liberdade, que nascem do conceito da coisa, ou seja, aqui, da natureza da liberdade ao se tornar consciente de si... Esta necessidade e a série necessária das puras determinações abstratas do conceito são estudadas na Lógica⁵.

Na ontologia hegeliana o conceito de "desenvolvimento" tem um papel central. É ele que determina o movimento do próprio "Conceito" até culminar na "Idéia" (desde o Ser indeterminado até o Saber Absoluto da *Lógica*). O "desenvolvimento" é dialeticamente linear; é uma categoria primeiramente ontológica (hoje sociológica, mas queremos retornar a sua origem filosófica propriamente dita⁶), mais ainda no caso da história mundial. Este "desenvolvimento", além disso, tem uma direção no espaço:

A história universal vai do Oriente para o Ocidente. A Europa é absolutamente o *fim da história universal*. A Ásia é o começo⁷.

Mas este movimento Leste-Oeste, como se pode observar, teve antes de eliminar da História Mundial a América Latina e a África (e além disso situará a Ásia num estado de "imaturidade" ou de "infância"⁸ essencial). De fato:

O mundo se divide em Velho Mundo e Novo Mundo. O nome Novo Mundo provém do fato de que a América... não foi conhecida até há pouco *pelos europeus*. Mas não se acredite que a distinção é puramente externa. Aqui a divisão é *essencial*. Este mundo é novo não só relativamente mas também absolutamente; o é com respeito a *todos os seus caracteres próprios, físicos e políticos*... O mar de ilhas, que se estende entre a América do Sul e a Ásia, revela certa imaturidade no tocante também a sua origem... A Nova Holanda também não deixa de apresentar características de juventude geográfica pois se, partindo das possessões inglesas, penetrarmos em seu território, descobrimos

enormes rios que ainda não abriram seu leito... Da América e de seu grau de civilização, especialmente no México e Peru, temos informação a respeito de seu desenvolvimento, mas como uma cultura inteiramente particular, que expira no momento em que o Espírito se aproxima dela... A inferioridade destes indivíduos é, em tudo, inteiramente evidente.⁹

A "imaturidade" total, física (até os vegetais e os animais são mais primitivos, brutais, monstruosos; ou simplesmente mais fracos, degenerados)¹⁰ é o signo da América (Latina). Por isso:

No que se refere a seus elementos, a América ainda não terminou sua formação... A América (Latina) é, por conseguinte, a terra do futuro. Em tempos futuros se mostrará sua importância histórica... Mas como país do futuro a América não nos interessa, pois o filósofo não faz profecias.¹¹

A América Latina, portanto, fica fora da história mundial. O mesmo acontecerá com a África. De fato, embora haja uma espécie de trindade (Europa, Ásia e África), ainda assim a África ficará igualmente descartada:

As três partes do mundo¹² mantêm, pois, uma relação essencial entre si e constituem uma totalidade (Totalitaet)... O Mar Mediterrâneo é o elemento de união destas três partes do mundo, e isso o transforma no *centro* de toda a história universal... O Mediterrâneo é o eixo da história universal.¹³

Temos assim o conceito de "centro" da história mundial. Mas veremos que das "três partes" que constituem a Totalidade (aqui a América Latina ficou descartada¹⁴), duas delas serão desqualificadas. Acerca da África Hegel escreveu algumas páginas que merecem ser lidas, embora se deva ter muito senso de humor, já que é a culminação fantástica de uma ideologia racista, cheia de superficialidade, com um sentido infinito de superioridade, que mostra bem o estado de espírito da Europa no começo do século XIX:

A África é em geral uma terra fechada, e conserva este seu caráter fundamental¹⁵. Entre os negros é realmente característico o fato de que sua consciência não chegou ainda à intuição de nenhuma objetividade, como, por exemplo, Deus, a lei, na qual o homem

está em relação com sua vontade e tem a intuição de sua essência... É um homem em estado bruto¹⁶.

São algumas das páginas mais insultantes na história da filosofia mundial. Depois delas Hegel conclui:

Este modo de ser dos africanos explica o fato de eles serem tão extraordinariamente facilmente fanatizados. O Reino do Espírito entre eles é tão pobre e o Espírito tão intenso que basta uma representação que lhes é inculcada para levá-los a não respeitar nada, a destroçar tudo... A África... não tem propriamente história. Por isso abandonamos a África para não mencioná-la mais. Não é uma parte do mundo histórico; não representa um movimento nem um desenvolvimento histórico... O que entendemos propriamente por África é algo isolado e sem história, sumido ainda por completo no espírito natural, e que só pode ser mencionado aqui, no umbral da história universal¹⁷.

A soberba européia (o "orgulho" hegeliano que Kierkegaard tanto ironizava) mostra-se no texto citado de maneira paradigmática. Mas, no final das contas, também a Ásia desempenha um papel puramente introdutório, preparatório, infantil no "desenvolvimento" da História Mundial. De fato, como a História Mundial se move do Oriente para o Ocidente, era necessário descartar primeiro a América Latina (que não se situava no Leste do Extremo Oriente, mas ao Oeste do Atlântico) e a África (o Sul bárbaro, imaturo, antropófago, bestial):

A Ásia é a parte do mundo onde se verifica o começo enquanto tal... Mas a Europa é absolutamente o *Centro e o Fim*¹⁸ do mundo antigo e o Ocidente enquanto tal, a Ásia o Oriente absoluto¹⁹.

Mas na Ásia o Espírito está em sua infância; o despotismo permite só que o "Um" (o imperador) seja livre. É a aurora, mas de modo algum a culminação da História Mundial. O começo e o fim da história é a Europa. Porém há diversas Europas: a Europa do Sul²⁰, o sul da França e Itália. Ali habitou o Espírito na Antiguidade, quando o norte da Europa não estava "cultivado". Mas o Sul "não tem um núcleo estampado em si"²¹, e por isso o destino se encontra no Norte da Europa. Também há dois Nortes: a Oriental (Polônia e Rússia), que se encontram sempre em relação com a Ásia. Deveremos falar da parte Ocidental do Norte da Europa:

A Alemanha, França, Dinamarca, os países escandinavos são o coração da Europa²².

Agora Hegel começa a se emocionar. Põe em suas palavras o timbre das trombetas de Wagner e escreve:

O Espírito germânico é o Espírito do Novo Mundo²³, cujo fim é a realização da verdade absoluta como autodeterminação infinita da liberdade, que tem por conteúdo sua própria forma absoluta. O princípio do Império germânico deve ser ajustado ao modelo cristão. O destino dos povos germânicos é fornecer os portadores do Princípio cristão²⁴.

E Hegel, expressando a tese exatamente contrária à que eu quero provar, escreve sobre os povos germânicos:

A significação ideal superior é a do espírito, que volta a si mesmo, desde o embotamento da consciência. Surge a consciência da justificação de si mesmo, mediante o restabelecimento da liberdade cristã. O princípio cristão passou pela formidável disciplina da cultura; e a Reforma lhe dá também em seu âmbito exterior, com o descobrimento da América... O princípio do Espírito livre se fez aqui bandeira do mundo, e a partir dele se desenvolvem os princípios universais da razão... O costume e a tradição já não valem; os diferentes direitos precisam se legitimar como fundados em princípios racionais. Assim se realiza a liberdade do Espírito²⁵.

Quer dizer, para Hegel, a Europa cristã moderna nada tem a aprender dos outros mundos, outras culturas. Tem um princípio em si mesma e é sua plena "realização":

O princípio se realizou, e por isso o Fim dos Dias chegou: a idéia do cristianismo alcançou sua plena realização²⁶.

As três etapas do "mundo germano" são um "desenvolvimento" desse mesmo Espírito. São os Reinos do Pai, do Filho e do Espírito Santo²⁷, e "o Império germânico é o Reino da Totalidade, no qual vemos se repetirem as épocas anteriores"²⁸: a primeira época, as migrações germânicas no tempo do Império romano; a segunda época, a idade média feudal. Tudo é rematado com três fatos finais: o Renascimento das letras e das artes, o descobrimento da América e a passagem para a Índia pelo Cabo da Boa Esperança no sul da África. Estes três fatos terminam a terrível noite da Idade Média, mas não "constituem"

a idade nova. A terceira idade, a "Modernidade" inicia-se com a reforma luterana propriamente alemã, que se "desenvolve" totalmente na "Ilustração (Aufklärung)" e a Revolução Francesa. A Modernidade chega a sua culminação, da qual poderíamos dizer o que Hegel atribui aos ingleses:

Os ingleses decidiram se transformar nos missionários da civilização em todo o mundo²⁹.

Perante esta Europa do Norte ninguém mais poderá (como hoje diante dos Estados Unidos) pretender ter qualquer direito, tal como se exprimiu Hegel na *Enciclopédia*:

Porque a história é a configuração do Espírito em forma de acontecimento³⁰, o povo que recebe um tal elemento como princípio natural... é o povo dominante nessa época da história mundial... Contra o direito absoluto que ele tem por ser o portador atual do grau de desenvolvimento do Espírito mundial, o espírito dos outros povos não tem direito algum³¹.

Este povo, o Norte, Europa (para Hegel sobretudo Alemanha e Inglaterra), tem assim um "direito absoluto"³² por ser o "portador" do Espírito neste "momento de seu Desenvolvimento". Diante de cujo povo todo outro-povo "não tem direito". É a melhor definição não só de "eurocentrismo" mas também da própria sacralização do poder imperial do Norte e do Centro sobre o Sul, a Periferia, o antigo mundo colonial e dependente. Creio que não são necessários comentários. Os textos falam, em sua espantosa crueldade, de um cinismo sem medida, que se transforma no próprio "desenvolvimento" da "razão" ilustrada (da Aufklärung).

Além disso, e isto passou despercebido a muitos comentaristas e críticos de Hegel – e ao próprio Marx – a "sociedade civil" contraditória é superada como "Estado" em Hegel graças à constituição de "colônias" que absorvem tal contradição:

Por uma dialética que lhe é própria, a ser superada, em primeiro lugar, tal sociedade é levada a buscar fora dela mesma novos consumidores, e por isso busca meios para subsistir entre outros povos que lhe são inferiores quanto aos recursos que ela tem em excesso, ou, em geral, a indústria³³. Este desdobramento de relações oferece também o meio da colonização à qual, de forma

sistemática ou esporádica, uma sociedade civil acabada é impedida. A colonização permite que uma parte de sua população (sic), sobre o novo território, retorne ao princípio da propriedade familiar e, ao mesmo tempo, procure para si mesmo uma nova possibilidade e campo de trabalho.³⁴

A "Periferia" da Europa serve assim de "espaço livre" para que os pobres, fruto do capitalismo, possam se tornar proprietários capitalistas nas colônias³⁵.

Ora, Jürgen Habermas trata do mesmo tema em sua obra *O discurso filosófico da Modernidade*³⁶, quando escreve:

Os acontecimentos históricos-chave para a implantação do princípio da subjetividade são a Reforma, a Ilustração e a Revolução Francesa³⁷.

Para Habermas, como para Hegel, o descobrimento da América não é um determinante constitutivo da Modernidade³⁸. Desejamos demonstrar o contrário. A experiência não só do "descobrimento", mas especialmente da "conquista" será essencial na constituição do "ego" moderno, mas não só como subjetividade "centro" e "fim" da história:

Por outro lado, é evidente que tanto Hegel como o próprio Habermas descartarão a Espanha da definição originária da Modernidade (e com isso a América Latina). Hegel escreve:

Aqui se encontram as terras de Marrocos, Fas (não Fez). Argélia, Túniz, Trípoli. Pode se dizer que esta parte não pertence propriamente à África, mas de preferência à Espanha, com a qual forma uma bacia. O polígrafo de Pradt diz por isso que na Espanha se está já na África. (A Espanha...) é um país que se limitou a participar do destino dos grandes, destino que se decide em outras partes; não foi chamada a tomar figura própria³⁹.

Se a Espanha está fora da modernidade, muito mais a América Latina. Nossa hipótese, pelo contrário, é que a América Latina, desde 1492 é um momento constitutivo da Modernidade, e a Espanha e Portugal como seu momento constitutivo. É a "outra cara" (*teixitli*, em asteca), a Alteridade essencial da Modernidade. O ego ou a "subjetividade" européia imatura e periférica do mundo muçulmano que se desenvolverá até chegar com Fernando Cortês, na conquista do México (o primeiro

"espaço" onde o referido "ego" efetuará um *desenvolvimento* prototípico), a se tornar "Senhor-do-mundo", como "vontade-de-poder". Isto permitirá uma nova definição, uma nova visão mundial da Modernidade, o que nos descobrirá não só seu "conceito" emancipador (que é preciso subsumir), mas igualmente o "mito" vitimário e destruidor, de um europeísmo que se fundamenta numa "falácia eurocêntrica" e "desenvolvimentista". O "mito da Modernidade" tem agora um sentido diferente para Horkheimer ou Adorno⁴⁰, ou para os pós-modernos como Lyotard, Rorty ou Vattimo. Contra os pós-modernos, não criticaremos a razão enquanto tal; mas acataremos sua crítica contra a razão dominadora, vitimária, violenta. Contra o racionalismo universalista, não negaremos seu núcleo racional e sim seu momento irracional do mito sacrificial. Não negaremos então a razão, mas a irracionalidade da violência do mito moderno; não negamos a razão, mas a irracionalidade pós-moderna; afirmamos a "razão do Outro" rumo a uma mundialidade transmoderna.

Notas

1. A palavra espanhola "desarrollismo" (portuguesa "desenvolvimentismo") é intraduzível para o alemão ou inglês. Sua raiz (desenvolvimento: Entwicklung, development) não permite a construção de derivado depreciativo, negativo, excessivo; como por exemplo para "ciência": o cientificismo (Scientifizismus) ou o cientifista (Scientifizist). Deveria ser algo como "developmentism" (ou developmentalism). Trata-se de uma posição ontológica pela qual se pensa que o "desenvolvimento" (= desenvolvimentismo) que a Europa seguiu deverá ser seguido unilinearmente por toda outra cultura. Por isso a "falácia do desenvolvimento" (= falácia desenvolvimentista) não é mais uma categoria sociológica ou econômica, mas uma categoria filosófica fundamental. É o "movimento necessário" do Ser, para Hegel; seu "desenvolvimento" inevitável. O "eurocentrismo" cai na "falácia desenvolvimentista" – são dois aspectos do "si-mesmo".

2. Interessante-nos o fato da "saída", o "êxodo", como processo de emancipação.

3. A 481.

4. Fim de toda a obra: "A história do mundo (...) é o processo do *desenvolvimento* do Espírito – é uma verdadeira *Teodicéia*, a justificação de Deus na História".

5. Hegel, edição castelhana *Lecciones de Filosofia de la Historia Universal*, Revista de Occidente, Buenos Aires, 1946, t. I, p. 134; ed. alemã *Die Vernunft in der Geschichte*, Zweiter Entwurf, 1830, C, c; em *Sämtliche Werke*, ed. J. Hoffmeister, F. Meiner, Hamburg, 1955, p. 167. Ver Martin Bernal, *Black Athena. The Afroasiatic Roots of Classical Civilization*, Rutgers University Press, New Brunswick, 1987-1991, especialmente *Filosofia da História Universal de Hegel*, vol. II.

6. De Hegel o conceito "desenvolvimento" passou para Marx, e deste para a economia e sociologia do "desenvolvimento". Por isso desejamos hoje retornar ao

conteúdo "filosófico" desta palavra que, como dissemos, foi o mais antigo. Um país "subdesenvolvido", ontologicamente, é "não-moderno", pré-Aufklärung, para Hegel.

7. *Ibid.*, Anhang, 2; p. 243; ed. cast. I, p. 207. Demonstraremos mais adiante que este "desenvolvimento" da história do Leste para o Ocidente é puramente "ideológico"; é um momento constitutivo do "eurocentrismo", que todavia se impôs em todos os programas de história (das High School ou universidades), não só na Europa ou Estados Unidos, mas também na América Latina, África e Ásia (também através das revoluções socialistas, que infeliz e freqüentemente são "eurocênticas", através do eurocentrismo do próprio Marx, pelo menos até 1868 – ver minha obra *El último Marx (1863-1882)*, Siglo XXI, México, 1990, cap. 7 – ano em que se abre a problemática da Rússia "periférica" graças a Danielson e os populistas russos).

8. "A criança não tem racionalidade, a não ser como possibilidade real (...) Só o adulto tem inteligência (...) e é o centro de tudo (...)" (*Ibid.*, Zweiter Entwurf, C, b; p. 161). "A primeira figura do Espírito é o Oriente..." (*Ibid.*, Anhang, 2; p. 244). A "imediatez" da consciência da "criança" como "possibilidade" não pode ser centro mas "periferia".

9. *Ibid.*, Apêndice, b; p. 199-200; ed. cast., p. 171-172.

10. Antonello Gerbi, em sua obra *La naturaleza de las Indias Nuevas*, FCE, México, 1978, mostra que os europeus, e o próprio Hegel, pensavam que até a geologia (as pedras), a fauna e a flora nas Índias eram mais brutais, primitivas, selvagens.

11. *Ibid.*, p. 109-210; ed. cast. p. 179-180.

12. Na próxima conferência veremos que esta divisão trinitária do mundo é medieval, pré-moderna, e Hegel continua repetindo-a, como Cristóvão Colombo.

13. *Ibid.*, c; p. 210; ed. cast. p. 181.

14. *Ibid.*, c; p. 210s.

15. *Ibid.*, c; p. 212; ed. cast. p. 183.

16. *Ibid.*, p. 218; p. 187.

17. *Ibid.*, p. 231-234; p. 198-201.

18. Em alemão: *das Zentrum und das Ende*. Pode-se ver que Fukuyama toma esta expressão de Hegel (Francis Fukuyama, *The End of History?* em *The National Interest*, Summer, 1989). Fukuyama pretende, exatamente, que os Estados Unidos e o livre mercado capitalista, depois do colapso do socialismo real do Norte a partir de 1989, é o modelo a seguir sem nenhuma outra alternativa; é o "fim da história". Para Hegel era a Europa, além disso, o "Centro".

19. *Ibid.*, beta; p. 235; ed. cast. p. 201.

20. *Ibid.*, gama; p. 240. Com isso se descarta a importância dos séculos XV, XVI e XVII, a época do mercantilismo, que são objeto destas conferências.

21. *Ibid.*, p. 240.

22. *Ibid.*, p. 240; p. 205.

23. Hegel, sem se dar conta, volta à emoção causada na Europa no fim do século XV pelo "descobrimento" do Novo Mundo. De maneira que está projetando para o passado germano o conceito "moderno" de "Novo Mundo" que se origina com a América Latina, mas que não tem nenhum lugar em sua História Mundial (não acontece o mesmo com a "América" anglo-saxônica posterior, que é um Ocidente de segundo nível para Hegel, e por isso tem um certo lugar na História Mundial).

24. Hegel, *Lecciones sobre la Filosofia de la Historia*, ed. cast., t. II, p. 258; *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*, em *Werke*, Suhrkamp, Frankfurt, t. 12, 1970, p. 413.

25. *Ibid.*, p. 413-414; p. 260.

26. *Ibid.*, ed. alemã, p. 414.

27. *Ibid.*, p. 345. É o "joaquinismo" de Hegel.

Conferência 2

DA "INVENÇÃO" AO "DESCOBRIMENTO" DO NOVO MUNDO

28. *Ibid.*, ed. alemã, p. 417.
29. *Ibid.*, ed. alemã, IV, 3, 3; p. 538.
30. *O.c.*, § 346.
31. *Ibid.*, § 347.
32. Na *Enciclopedia* § 550 (ed. F. Nicolín-O. Poeggeler, F. Meiner, Hamburg, 1969, p. 430), Hegel fala claramente sobre este tema.
33. *Filosofia do Direito*, § 246.
34. *Ibid.*, § 248. A Europa então "ocupa" territórios alheios. Hegel não acha que isso significa que é preciso arrebatá-los de outros povos.
35. Quando a Europa teve "superpopulação" ou pobres e miseráveis, enviou-os para o Terceiro Mundo. Hoje não permite que entrem na Europa e fecha suas fronteiras.
36. Ed. cit., Taurus, Buenos Aires, 1989; *Der philosophische Diskurs der Moderne*, Suhrkamp, Frankfurt, 1988.
37. *O.c.*, 27 (ed. cast., p. 29).
38. Fala do descobrimento, mas não lhe dá nenhuma importância (por exemplo, em *O.c.*, p. 15, ed. cast., p. 13 da ed. alemã).
39. *Ibid.*, c, alfa: África; p. 213; ed. cast. I, p. 183.
40. Ver, no final destas conferências, o Apêndice 2. Dos autores citados, ver *Dialektik der Aufklärung*, Fischer, Frankfurt, 1971. A posição de J. Habermas está expressa em seu *El discurso filosófico de la Modernidad* (5. Horkheimer e Adorno: o entrelaçamento do mito e Ilustração, p. 135s, ed. cast.; p. 130s da ed. alemã).

"Quando e como aparece na América Latina a *consciência histórica*? Esta pergunta, cuja resposta obviamente supõe a reconstrução de um processo que a partir de agora chamarei de processo ontológico americano, constitui a pergunta fundamental deste trabalho" (E. O'Gorman, *La invención de América*)¹.

Distinguiremos conceitualmente entre "invenção", "descobrimento", "conquista" e "colonização". Estas são "figuras (Gestalten)" históricas que têm conteúdos teóricos, espaciais e diacrônicos distintos. São "experiências existenciais" diferentes que merecem ser analisadas em separado.

1. A "invenção" do "ser-asiático" do Novo Mundo

Devemos a Edmundo O'Gorman a proposta desta primeira figura (Gestalt): a "invenção da América"². Numa análise histórico-filosófica, de estilo heideggeriano, o grande historiador mexicano descreve a "experiência ontológica" tal como foi vivida – e que pode ser provado pelos documentos que chegaram até nós – por Cristóvão Colombo. Entremos nesta aventura reconstrutiva que nos levará à conclusão de que Colombo *não descobriu a América*, num sentido estrito ontológico – no vocabulário do citado autor.

O ponto de partida da análise é óbvio, e por isso nunca levado suficientemente em conta. O "mundo (Welt)"³, ou o "mundo da vida cotidiana (Lebenswelt)"⁴ de Cristóvão Colombo era o de um experiente navegador do Mediterrâneo (do Mare Nostrum dos romanos) em volta de cujas águas estavam a Europa⁵, a África e a Ásia⁶ – a Europa ainda não era o "centro"⁷. Desde 1476 Colombo tinha tido uma experiência forte do Atlântico – onde foi atacado por piratas e boiou agarrado a um pau durante longo tempo⁸. Um "mundo" cheio da fantasia renascentista – não mais estritamente medieval – que lhe permitirá pensar em sua terceira viagem que o delta do Orinoco do norte da América do Sul era a desembocadura de um dos rios do Paraíso Terrestre, por exemplo⁹ –, de um mercador da tradição de Veneza, Amalfi, Nápoles, da Florença dos Médici, da Roma de Pio II, ou de sua Gênova natal¹⁰. "Mundo" de um cristão ítalo-ibérico defronte ao "mundo" muçulmano do norte da África e aos Turcos. Quando no dia 17 de abril de 1492 assina as *Capitulações de Santa Fé*¹¹, diante da Granada que cai nas mãos da última Cruzada européia¹², Colombo se lança à empresa de cruzar o Mar Oceano no dia 3 de agosto, partindo de Andaluzia, com um só propósito: chegar à Índia, à Ásia pelo Ocidente – que desde Aristóteles ou Ptolomeu, até Toscanelli¹³ e o mapa de Heinrich Hammer (Henricus Martellus) de 1489¹⁴ era uma tese aceita –, para adquirir assim conhecimentos náuticos, para se encher de ouro, de dignidade e além disso, honestamente, expandir a fé cristã (ideais que podiam ser tentados simultaneamente sem contradição na Weltanschauung da época). Seus olhos eram os do último mercador do Mediterrâneo Ocidental, e esses olhos eram, ao mesmo tempo, os do primeiro "moderno". Os descobrimentos feitos pelo norte do Atlântico¹⁵ pelos vikings, que provavelmente, com Leif, em 992 chegaram a Helluland ("Terra de desolação" na América do Norte), eram fatos sem conseqüências históricas. Os vikings chegaram a algumas ilhas situadas ao oeste da Groenlândia, mas não puderam integrá-las de maneira irreversível à "vida cotidiana (Lebenswelt)" européia, nem à economia ou história de seu povo. A travessia equatorial do Atlântico feita por Colombo tem outro significado¹⁶. Os portugueses, que desde 1415 tinham ocupado Ceuta, na África, que a partir daí construíram em 1441 as primeiras caravelas e

começaram o tráfico de escravos africanos, e que chegaram à Guiné¹⁷, e no ano de 1487 ao Cabo da Boa Esperança¹⁸ (a esperança européia de chegar à Índia e suas riquezas), não fizeram a experiência a que estamos nos referindo; era como ir "vendo" o já sabido; ir "descobrir" uma África que tinha um "lugar" (geográfico, histórico e teológico) na Weltanschauung renascentista. O caso de Colombo é completamente diferente.

Realmente, Colombo partiu das ilhas Canárias no dia 8 de setembro, e chegou a algumas ilhas na parte ocidental do Atlântico no dia 12 de outubro de 1492. A bula papal de 1493, *Inter caetera*, descreve de maneira objetiva as "ilhas e terras firmes" localizadas nas "partes ocidentais do Mar Oceano, em direção das Índias"¹⁹. Algo muito diferente é o que Colombo viu – ou quis ver. Ele afirmou com absoluta certeza que tinha chegado à Ásia. Leiamos seu *Diário de bordo*:

... A informação que dei a Vossas Altezas das terras de Índia e de um príncipe que é chamado Grande Cã²⁰ (que em nossa língua quer dizer rei dos reis), como muitas vezes ele e seus antecessores tinham mandado a Roma para pedir doutores em nossa santa fé²¹... Vossas Altezas, como católicos e cristãos e inimigos da seita de Maomé²²... pensaram em enviar a mim, Cristóvão Colombo, às ditas partes da Índia, para ver²³ os ditos príncipes, e os povos e as terras e a disposição delas, e de tudo, e a maneira que se poderia ter para a conversão deles para a nossa santa fé²⁴.

Neste texto podemos reconstruir o "mundo" de Colombo e como "interpretava" – uma hermenêutica – o que estava vendo. As ilhas, as plantas, os animais, os "índios" (da "Índia", asiáticos portanto) eram todos uma "constatação" de algo conhecido de antemão, uma espécie de experiência estética, embora ainda não explorada: a Ásia²⁵. Escreve Colombo, na versão de Las Casas:

Às duas horas depois de meia noite (de 12 de outubro) apareceu a terra... uma ilhota dos lucaios, que se chama na língua dos índios Guanahani. Depois vieram pessoas nuas... gente muito pobre de tudo. Eles andavam todos nus como sua mãe os pariu²⁶. Mas, para não perder tempo, quero ver se posso topar com a ilha de Cipango²⁷.

Daí a importância da proposta de O'Gorman, primeira em seu gênero:

Mas se isto é assim, pode-se concluir, então, que o significado ontológico da viagem de 1492 consiste em que, pela primeira vez, dentro do âmbito da *cultura do Ocidente*²⁸, se atribuiu ao achado de Colombo no sentido genérico de se tratar de um ente (*Dasein*) geográfico (algumas 'terras') e o sentido específico de que esse ente (*Dasein*) pertencia à Ásia, dotando-o assim (*Seingebung*) com o *ser asiático*, mediante uma suposição *a priori* e incondicional²⁹.

Colombo afirma ter chegado à Ásia, no dia 15 de março de 1493, quando volta de sua primeira viagem. Tinha explorado, segundo sua opinião, as ilhas da Ásia oriental (perto de "Cipango" – Japão –, junto à quarta grande Península ao leste do Sinus Magnus, e não longe do Quersoneso Áureo – Málaga³⁰), sem ter, portanto, chegado até o continente asiático. Em sua segunda viagem³¹, em 1493, Colombo deve trazer "provas" da "asiaticidade" do explorado. Percorre Cuba em direção ao Oriente, e pensa que já é o Continente, a quarta grande Península, não longe do Quersoneso Áureo, e ao voltar para o sul crê que esteve navegando na costa de Mangi (China)³² e que logo poderá se dirigir para a Índia. Contudo, também não pode trazer "provas" definitivas. Quando regressa em 1496, Colombo tem conhecimento de que houve outras explorações. Sabe-se que há uma grande massa "asiática" continental ao sul das ilhas descobertas³³. Isto favorece a proposta de Colombo: essa massa é a quarta península asiática³⁴, não longe do Quersoneso Áureo, que é maior do que se supunha antes. Para confirmar isto, na terceira viagem, parte decididamente para o sul (para passar por baixo da quarta península; a China era como se fosse a América do Norte, e a península se estendia para o sul: América do Sul, mas como parte da Ásia). Colombo, de fato, toca no norte da América do Sul, a ilha Trinidad; pouco depois navegava pelas "águas doces" do delta do Orinoco – corrente de um rio maior que o Nilo e nunca visto de tal tamanho na Europa. Colombo então, sempre "na Ásia", tem consciência de ter descoberto uma região da Ásia ao leste do Quersoneso. Volta para a Espanha, sem a "prova" conclusiva do caminho para a Índia. Novamente na

quarta viagem, de 1502 a 1504, procurando sempre o caminho para a Índia, vai em direção ao continente³⁵ e chega à atual Honduras (para Colombo parte da China), e, percorrendo a costa em direção ao sul, anima-se ao encontrar, parecia, finalmente a rota. De fato, passando por Panamá os índios (asiáticos) lhe informaram que há um grande mar do outro lado do Istmo. Colombo tem agora a certeza de que é o Sinus Magnus, e que está perto, só a dez jornadas de navegação, do rio Ganges³⁶. Ao voltar, da Jamaica escreveu aos reis aos 7 de julho de 1503 dizendo que a península asiática se prolongava para o sul.

De qualquer forma Colombo morre em 1506 com a clara "consciência" de ter descoberto o caminho pelo Ocidente para a Ásia; nela sempre esteve e morreu pensando nela. Os reis católicos o traíram, abandonando-o à sua pobre e solitária sorte, assim como traíram a Boabdil e seu povo granadino, muçulmano e judeu – que serão expulsos depois como estrangeiros, perdendo com eles a Espanha, entre outras coisas, a possibilidade futura de uma "revolução burguesa".

Isto é o que chamamos de "invenção" do "ser-asiático" da América. Quer dizer, o "ser-asiático" deste continente só existiu no "imaginário" daqueles europeus renascentistas. Colombo abriu política e oficialmente na Europa a porta para a Ásia pelo Ocidente. Mas com sua "invenção" puderam continuar existindo, como a Santíssima Trindade, as "Três Partes" da terra (Europa, África e Ásia):

Trata-se, por conseguinte, de uma hipótese com fundamento *a priori*:... a separação (do Continente do sul da quarta península) não era um elemento necessário (leia-se: contrário) para manter sua convicção acerca da asiaticidade das terras localizadas no hemisfério norte... A hipótese colombiana não transcende a imagem *prévia* que a condiciona, de sorte que o achado de uma terra firme num local imprevisível não conseguiu tornar-se a instância *empírica reveladora* que podia ter sido³⁷.

"Inventou-se" o "ser-asiático" do encontrado. De qualquer forma, a "invenção" na América de seu momento "asiático" transformou o Mar Oceano, o Atlântico, no "centro" entre Europa e o continente ao oeste do Oceano³⁸. Agonizava assim o Mediterrâneo, que esperará Lepanto, em 1571, para terminar

de morrer. Os turcos e muçulmanos se empobrecerão com o *Mare nostrum*, com a inflação do ouro e da prata – pelas riquezas vindas da primeira “periferia” européia: a América Latina. Mas isso é história futura.

De qualquer forma Colombo, como dissemos, é o primeiro homem “moderno”, ou melhor, é o início de sua história. É o primeiro que “sai” oficialmente (com “poderes”, não mais um viajante clandestino como muitos de seus antecessores) da Europa latina³⁹ – antimuçulmana – para iniciar a “constituição” da *experiência existencial* de uma Europa ocidental, atlântica, “centro” da história⁴⁰. Esta “centralidade” será depois *projetada* para as origens: de certa maneira, no “mundo da vida cotidiana (*Lebenswelt*)” do europeu: a Europa é “centro” da história desde Adão e Eva, os quais também são considerados europeus⁴¹, ou, pelo menos é considerado como um mito originário da “europeidade”, com exclusão de outras culturas.

O’Gorman, com uma tese completamente eurocêntrica⁴², entende por “invenção da América” o fato pelo qual a “América não aparece com outro ser do que o da *possibilidade* de *atualizar*⁴³ em si mesma essa *forma*⁴⁴ do devir humano, e por isso... a América foi inventada à imagem e semelhança da Europa”⁴⁵. Nestas conferências, porém, desejamos indicar por “invenção” a experiência existencial colombiana de dar um “ser asiático” às ilhas encontradas em sua rota para a Índia. O “ser-asiático” – e nada mais – é uma invenção que só existiu no imaginário, na fantasia estética e contemplativa dos grandes navegantes do Mediterrâneo. É o modo como “desapareceu” o Outro, o “índio”, não foi descoberto como Outro, mas como o “si-mesmo” já conhecido (o asiático) e só re-conhecido (negado então como Outro): “em-coberto”.

2. O “descobrimento” do “Novo Mundo”

Chamo “descobrimento”, como nova figura posterior à “invenção”, a experiência também estética e contemplativa, aventura explorativa e até científica de conhecer “o novo”, que a partir de uma “experiência” resistente e teimosa (que se afirma

contra toda a tradição) exige que se rompa com a representação do “mundo europeu”⁴⁶ como uma das “Três Partes” da Terra. Ao descobrir uma “Quarta Parte” (desde a “quarta península” asiática) ocorre uma auto-interpretação diferente da própria Europa. A Europa provinciana e renascentista, mediterrânea, se transforma na Europa “centro” do mundo: na Europa “moderna”. Dar uma definição “européia” da Modernidade – como faz Habermas, por exemplo – é não entender que a Modernidade da Europa torna todas as outras culturas “periferia” sua. Trata-se de chegar a uma definição “mundial” da Modernidade (na qual o Outro da Europa será negado e obrigado a seguir um processo de “modernização”⁴⁷, que não é o mesmo que Modernidade). É por isso que aqui nasce estrita e histórico-existencialmente a “Modernidade” (como “conceito” e não como “mito”), desde 1502 aproximadamente.

Dissemos que os “descobrimientos” são uma experiência quase científica, estética e contemplativa. É uma relação “Pessoa-Natureza”, poética, técnica, admirativa, embora ao mesmo tempo comercial, no sentido mercantilista do mundo Mediterrâneo, anterior à expansão atlântica⁴⁸. Na Europa latina do século XV, Portugal certamente tomou a dianteira (por se encontrar no *Finis Terrae* – no final da terra –, país do Atlântico mais perto da África tropical – de modo diferente da Inglaterra – espaço de frutífero comércio)⁴⁹. Tomemos novamente um caminho entre outros possíveis para continuar nossa reflexão.

Um navegante italiano, como Colombo, agora sob a jurisdição portuguesa, Américo Vespúcio, partiu de Lisboa em maio de 1501 para a Índia. Sua intenção era chegar a seu destino passando também por baixo da Quarta Península e atravessar assim o Sinus Magnus, como projetara em sua fracassada viagem anterior:

Perchè mia intenzione era di vedere si potevo volgere uno cavo di terra, che Ptolomeo nomina il Cavo di Cattegarà⁵⁰, che è giunto con el Sino Magno⁵¹.

Era necessário descobrir um estreito para chegar à Índia. O certo é que chegou às costas do atual Brasil⁵², e, convencido de poder chegar ao Sinus Magnus asiático, continuou a navegação

de morrer. Os turcos e muçulmanos se empobrecerão com o *Mare nostrum*, com a inflação do ouro e da prata – pelas riquezas vindas da primeira “periferia” européia: a América Latina. Mas isso é história futura.

De qualquer forma Colombo, como dissemos, é o primeiro homem “moderno”, ou melhor, é o início de sua história. É o primeiro que “sai” oficialmente (com “poderes”, não mais um viajante clandestino como muitos de seus antecessores) da Europa latina³⁹ – antimuçulmana – para iniciar a “constituição” da *experiência existencial* de uma Europa ocidental, atlântica, “centro” da história⁴⁰. Esta “centralidade” será depois *projetada* para as origens: de certa maneira, no “mundo da vida cotidiana (*Lebenswelt*)” do europeu: a Europa é “centro” da história desde Adão e Eva, os quais também são considerados europeus⁴¹, ou, pelo menos é considerado como um mito originário da “europeidade”, com exclusão de outras culturas.

O’Gorman, com uma tese completamente eurocêntrica⁴², entende por “invenção da América” o fato pelo qual a “América não aparece com outro ser do que o da *possibilidade* de *atualizar*⁴³ em si mesma essa *forma*⁴⁴ do devir humano, e por isso... a América foi inventada à imagem e semelhança da Europa”⁴⁵. Nestas conferências, porém, desejamos indicar por “invenção” a experiência existencial colombiana de dar um “ser asiático” às ilhas encontradas em sua rota para a Índia. O “ser-asiático” – e nada mais – é uma invenção que só existiu no imaginário, na fantasia estética e contemplativa dos grandes navegantes do Mediterrâneo. É o modo como “desapareceu” o Outro, o “índio”, não foi descoberto como Outro, mas como o “si-mesmo” já conhecido (o asiático) e só re-conhecido (negado então como Outro): “em-coberto”.

2. O “descobrimento” do “Novo Mundo”

Chamo “descobrimento”, como nova figura posterior à “invenção”, a experiência também estética e contemplativa, aventura explorativa e até científica de conhecer “o novo”, que a partir de uma “experiência” resistente e teimosa (que se afirma

contra toda a tradição) exige que se rompa com a representação do “mundo europeu”⁴⁶ como uma das “Três Partes” da Terra. Ao descobrir uma “Quarta Parte” (desde a “quarta península” asiática) ocorre uma auto-interpretação diferente da própria Europa. A Europa provinciana e renascentista, mediterrânea, se transforma na Europa “centro” do mundo: na Europa “moderna”. Dar uma definição “européia” da Modernidade – como faz Habermas, por exemplo – é não entender que a Modernidade da Europa torna todas as outras culturas “periferia” sua. Trata-se de chegar a uma definição “mundial” da Modernidade (na qual o Outro da Europa será negado e obrigado a seguir um processo de “modernização”⁴⁷, que não é o mesmo que Modernidade). É por isso que aqui nasce estrita e histórico-existencialmente a “Modernidade” (como “conceito” e não como “mito”), desde 1502 aproximadamente.

Dissemos que os “descobrimientos” são uma experiência quase científica, estética e contemplativa. É uma relação “Pessoa-Natureza”, poética, técnica, admirativa, embora ao mesmo tempo comercial, no sentido mercantilista do mundo Mediterrâneo, anterior à expansão atlântica⁴⁸. Na Europa latina do século XV, Portugal certamente tomou a dianteira (por se encontrar no *Finis Terrae* – no final da terra –, país do Atlântico mais perto da África tropical – de modo diferente da Inglaterra – espaço de frutífero comércio)⁴⁹. Tomemos novamente um caminho entre outros possíveis para continuar nossa reflexão.

Um navegante italiano, como Colombo, agora sob a jurisdição portuguesa, Américo Vespúcio, partiu de Lisboa em maio de 1501 para a Índia. Sua intenção era chegar a seu destino passando também por baixo da Quarta Península e atravessar assim o Sinus Magnus, como projetara em sua fracassada viagem anterior:

Perchè mia intenzione era di vedere si potevo volgere uno cavo di terra, che Ptolomeo nomina il Cavo di Cattegara⁵⁰, che è giunto con el Sino Magno⁵¹.

Era necessário descobrir um estreito para chegar à Índia. O certo é que chegou às costas do atual Brasil⁵², e, convencido de poder chegar ao Sinus Magnus asiático, continuou a navegação

para o sul, que os portugueses começavam a controlar a partir da África Oriental⁵³. Realmente, a costa continuava para o sul; quer dizer, para o sul da Quarta Península da Ásia. Pouco a pouco a empresa se mostrava mais difícil do que o previsto e contrária a tudo o que fora pressuposto. As extensões eram maiores, os habitantes estranhos, o *a priori* de todos os conhecimentos da cultura mediterrânea começavam a ser postos em dúvida – desde os gregos e árabes até aos latinos – inclusive o próprio Martellus. Navegou para o sul, até essas então desconhecidas paragens da América do Sul (até ao rio Jordão, segundo parece). Em setembro de 1502 Vespúcio volta a Lisboa sem ter podido chegar ao “Sinus Magnus”. Não tinha encontrado a passagem para a Índia. Mas, pouco a pouco, foi sendo transformado no “descobridor”. Foi assim que escreveu uma carta reveladora na direção do argumento destas conferências. Trata-se do começo da tomada de consciência de ter “descoberto” um Mundo Novo, que seria a América do Sul como distinta da China. Na carta a Lorenzo de Médici⁵⁴, Américo diz com toda consciência e *pela primeira vez na história da Europa*, que a massa continental⁵⁵ ao leste do sul do Sinus Magnus, já descoberto por Colombo – e que este chegou a acreditar que era uma parte desconhecida da Ásia –⁵⁶, é a parte “antípoda” da Europa do sul, “uma Quarta Parte da Terra”⁵⁷, e, além disso, habitada por humanos muito primitivos e nus. Foi entre 1502 e 1504, na pequena obra sobre o *Mundus Novus*, que Américo foi tomando consciência do que acontecia – serão necessários anos para começar a reconstituir toda uma Weltanschauung milenar. No “ego” concreto daquele “descobridor” se terminou de produzir a passagem da Idade Média renascentista para a Idade Moderna. Colombo foi “inicialmente” o primeiro moderno; Américo Vespúcio terminou o tempo de sua constituição: um “Mundo Novo” e desconhecido se abria à Europa. A Europa se abria a um mundo novo! Quer dizer, a Europa passava a ser uma “particularidade sitiada”⁵⁸ pelo mundo muçulmano para ser uma nova “universalidade descobridora” – primeiro passo da constituição diacrônica do ego, que depois do “ego cogito” passará para a “vontade de poder” exercida. O’Gorman escreve com muita precisão:

Quando Vespúcio fala de um *mundo* se refere à noção de *ecumene*, quer dizer, à velha idéia de conceber como *mundo* só uma porção da terra apta para a habitação do homem; de modo que, se ele acha lícito designar os países recém-explorados como um *mundo novo*, é porque sua intenção é anunciar o efetivo achado de uma dessas *outras ecumenes*⁵⁹.

Tudo isso passa já para a expressão do “descobrimento”, quando na *Cosmographiae Introductio* de Mathias Ringmann e Martin Waldseemüller, em 1507, explicitamente, se fala da “Quarta parte da terra”, a desenham em seu mapa e a chamam “América” em honra de Américo Vespúcio, seu descobridor⁶⁰. Para O’Gorman, em seu fundamento ontológico, esta experiência não é um “descobrimento” do novo, mas simplesmente o reconhecimento de uma matéria ou potência onde o europeu começa a “inventar” sua própria “imagem e semelhança”. A América não é descoberta como algo que resiste *distinta*, como o *Outro*, mas como a matéria onde é projetado “o si-mesmo”. Então não é o “aparecimento do Outro”, mas a “projeção do si-mesmo”: encobrimento. Tese eurocêntrica expressa, mas real enquanto fato histórico de dominação, mesmo contra a vontade de O’Gorman. No fundo Habermas diz a mesma coisa, mas de outra maneira. Para a definição intra-européia da Modernidade, esta Idade Nova começa com o Renascimento, a Reforma e culmina na *Aufklärung*. O fato de existir ou não América Latina, África ou Ásia não tem *nenhuma importância* para o filósofo de Frankfurt! Ele propõe uma definição exclusivamente “intra-européia” da Modernidade – por isso é autocentrada, eurocêntrica, onde a “particularidade” européia se identifica com a “universalidade” mundial sem ter consciência da referida passagem. O’Gorman, descrevendo exatamente o que acontece enquanto dominação, nega a América porque a define como matéria, potência, não-ser. Habermas, por sua vez, acha que o descobrimento da América Latina não tem nenhuma importância para seu argumento: na realidade ela não entra na história – como para Hegel.

“Descobrir”, então, – e isto acontecido histórica ou empiricamente de 1502 a 1507 – é constatar a existência de terras continentais habitadas por humanos ao oeste do Atlântico até

então totalmente desconhecidas pelo europeu, o que exige "abrir" o horizonte ontológico de compreensão do "mundo da vida cotidiana (Lebenswelt)" europeu rumo a uma nova "compreensão da história como acontecimento mundial (*weltliche Ereignis*), planetário. Isto é concluído em 1520, quando Sebastião Elcano, sobrevivente da expedição de Fernando de Magalhães, chega a Sevilha tendo descoberto o estreito de Magalhães, percorrido o Oceano Pacífico (desaparece só agora a hipótese do "Sinus Magnus") e o Índico, e circunavegado a terra pela primeira vez. Agora o círculo se fechava: a terra tinha sido "des-coberta" como o lugar da "história mundial"; pela primeira vez aparece uma "Quarta Parte" (América), que se separa da "quarta península" asiática, onde uma Europa que se auto-interpreta, também pela primeira vez, como "centro" do Acontecer Humano em Geral, e por isso desenvolve seu horizonte "particular" como horizonte "universal" (a *cultura ocidental*)⁶¹. O *ego* moderno desapareceu em sua confrontação com o não-ego; os habitantes das novas terras descobertas não aparecem como Outros, mas como o Si-mesmo a ser conquistado, colonizado, modernizado, civilizado, como "matéria" do *ego* moderno. E foi assim que os europeus (particularmente os ingleses) se transformaram, como dizia antes, nos "missionários da civilização em todo o mundo"⁶², especialmente com "os povos bárbaros"⁶³.

A Europa tornou as outras culturas, mundos, pessoas em ob-jeto: lançado (-*jacere*) diante (*ob-*) de seus olhos. O "coberto" foi "des-coberto": *ego cogito cogitatum*, europeizado, mas imediatamente "en-coberto" como Outro. O outro constituído como o Si-mesmo⁶⁴. O *ego* moderno "nasce" nesta autoconstituição perante as outras regiões dominadas. Esse "Outro", que é o "Si-mesmo", explica a pergunta de Fernández de Oviedo:

Estas gentes destas Índias, embora racionais (sic) e da mesma estirpe daquela santa arca de Noé, estão feitas irracionais (sic) e bestiais por suas idolatrias, sacrifícios e cerimônias infernais⁶⁵.

O Outro é a "besta" de Oviedo, o "futuro" de Hegel, a "possibilidade" de O'Gorman, a "matéria bruta" para Alberto Caturelli: massa rústica "descoberta" para ser civilizada pelo "ser" europeu da "Cultura Ocidental", mas "en-coberta" em sua Alteridade.

Notas

1. FCE, México, 1957, p. 12.
2. Do livro já citado na nota 1. Ver a reação de Wilcomb E. Washburn, *The Meaning of Discovery in the Fifteenth and Sixteenth Centuries. The American Historical Review*, 1 (1962): 1-21.
3. Em sentido heideggeriano, tal como é exposto em *Sein und Zeit*.
4. No sentido do velho Husserl.
5. No sentido 4 e 5 do Apêndice 1, no final destas conferências.
6. Agora a África era o mundo muçulmano "negro"; a Ásia começava pelo mundo muçulmano turco e continuava com o pouco que deram a conhecer as expedições mercantis do veneziano Marco Polo ou dos missionários franciscanos como João de Montecorvino (que chegou até Pequim e morreu em 1328), entre outros (ver Pierre Chaunu, *L'expansion européenne: XIIIe, XIVe, XVe siècles*, PUF, Paris, 1968). Os franciscanos estiveram na China até 1370 e conseguiram muitas informações que chegaram até Roma.
7. Ver o Excurso sobre a Europa como *periferia* do mundo muçulmano na Conferência 6.
8. Colombo estivera no Mediterrâneo oriental, no noroeste da Europa, nas costas de Guiné, na África, nas ilhas Madeira, sempre junto com navegantes genoveses ou portugueses. Ver Paolo Emilio Taviani, *Cristoforo Colombo. La genesi della grande scoperta*, Instituto Geográfico de Agostini, Novara, 1982; Kirkpatrick Sale, *The conquest of Paradise*, A. Plume Book, Nova Iorque, 1991; Daniel Boorstin, *The Discoverers*, Vintage Books, Nova Iorque, 1985; Alvin Josephy, *America in 1492*, Alfred Knopf, Nova Iorque, 1992; Samuel Eliot Morison, *Admiral of the Ocean Sea*, Little, Brown and Company, Boston, 1972.
- 9.... de um saía um rio grandíssimo. Havia sempre cinco braços de fundura e a água muito doce, em tanta quantidade... (*Diario del Primer y Tercer viaje de Cristóbal Colón*, versão de B. de las Casas, Alianza, Madrid, 1989, p. 182). E pouco mais adiante escreve: "E digo que, se não procede do Paraíso terrestre, que vem este rio e procede de terra infinita situada no Austro, da qual até agora não se teve notícia. Mas eu tenho plena certeza de que ali, onde disse (onde se origina o Orinoco), é o Paraíso Terrestre, e descanso sobre as razões e autoridades da Escritura" (*Ibid.*, p. 192).
10. Como mera anedota, recordo agora que a família de minha mãe, Ambrosini Siffredi, meus bisavós, eram originários desta cidade, *geneises*, e imigraram para Argentina quase ao mesmo tempo e pelos mesmos motivos que meu bisavô alemão: eram europeus pobres do século XIX.
11. Cf. *Die grossen Entdeckungen*, Ed. E. Schmidt, C.H. Beck, München 1984, t. II, p. 105-109.
12. "... Neste presente ano de 1492, depois de Vossas Altezas terem dado fim à guerra dos mouros, que reinavam na Europa, e ter acabado a guerra na muito grande cidade de Granada, onde neste presente ano... por força das armas vi pôr as bandeiras reais de Vossas Altezas nas torres da Alfambrá" (*Diario del Primer y Tercer viaje de Cristóbal Colón*, o.c., p. 41).
13. Ver sua carta de 1474 em *Die grossen Entdeckungen*, t. II, p. 9-13.
14. Ver Apêndice 4.
15. Seta 1 do mapa no Apêndice 3.
16. Seta 7 do Apêndice 3.
17. Seta 3 do Apêndice 3.
18. Seta 5 do mesmo Apêndice.

19. Martín Fernández de Navarrete, *Colección de los viajes y descubrimientos*, Madrid, 1825, t. II, p. XVII.

20. No mapa de Martellus (1489) (Apêndice 4) se lê "Tartaria per totum". Os Cãs eram os chefes guerreiros dos mongóis que dominavam Kiev e Moscou. Os renascentistas projetavam essa organização e nomes até o extremo da Ásia. Por isso Colombo estava procurando reinos governados por Cãs: a China.

21. Trata-se da tradição de Roma de que havia um Preste João que pedira para estabelecer contatos com Roma. Trata-se dos coptas da Etiópia (que do leste da África foram projetados para o leste da Ásia). No mapa de Martellus (Apêndice 4) lemos numa região ao norte do "Sinus Magnus": "Hic dominat Presbiter Johannes imperator totius Indiae".

22. Colombo sabia muito bem o gosto e trabalhos que dera e continuava dando aos reis a tomada de Granada. Boabdil ainda vivia na península e centenas de milhares de muçulmanos, os mouriscos, estavam longe de se ter conformado com sua sorte.

23. Este é o sentido de "expedições de descobrimento".

24. *Diario del Primer y Tercer viaje de Cristóbal Colón*, o.c., p. 41.

25. O mapa de Martellus, Apêndice 4, une China (Cataio, Quinsai, Mangi) com América do Sul. O "Sinus Magnus" substitui o Oceano Pacífico e o rio Orinoco ou o Amazonas correm no sul da China.

26. *Ibid.*, p. 57.

27. *Ibid.*, p. 58, 13 de outubro de 1492.

28. Sublinho e remeto ao sentido 5 e 7 do Apêndice 1. Em O'Gorman o conceito de "cultura do Ocidente" não foi previamente esclarecido (cf. outros exemplos do uso destas palavras em *La invención de América*, p. 15, 98-99, etc.). Diz-se: "Na invenção da América e no desenvolvimento histórico que provocou devemos ver, portanto, a possibilidade efetiva da universalização da cultura do Ocidente como único programa (sic) de vida histórica capaz de incluir e ligar todos os povos, mas concebido como tarefa própria e não mais como o resultado de uma imposição imperialista e exploradora" (*Ibid.*, p. 98). É justamente isto que chamaremos de "eurocentrismo" nas elites da Periferia. Agora claramente no sentido 8 do Apêndice 1.

29. *La invención de América*, p. 34.

30. O'Gorman mostra que no tempo de Colombo se pensa que esta península (o "Quersoneso Áureo", hoje Málaga) podia ser pequena e na posição aproximada que tem realmente; que partindo das costas da China entrava para o sul, ao oeste do "Sinus Magnus". Colombo, pelo contrário, pensava na "quarta península" e tinha que "validar" esta última hipótese. A obra de Gustavo Vargas Martínez, *América en un mapa de 1489*, inédito, Bogotá, 1991, mostra que o "Segundo Quersoneso Áureo" é China e América do Sul (como se pode ver no mapa de Martellus, Apêndice 4).

31. Num sentido histórico mundial esta segunda viagem é já completamente distinta da primeira. Esta segunda é, formalmente, o começo da conquista – embora retardemos esta figura até à "conquista" do México. Bartolomeu de las Casas escreve desta segunda viagem: "Em poucos dias foram preparados na baía de Cádiz dezessete navios grandes... bem providos e armados de artilharia e armas (sublinhado meu). Trouxe muitas arcas... para ouro e outras riquezas que os índios (da Ásia) tivessem. Embarcaram mil e quinhentos homens, todos ou a maioria a soldo de suas altezas" (*Historia de las Indias*, I, cap. 40; BAE, Madrid, 1957, vol. I, p. 139-140). Já não é o "mercador" do Mediterrâneo; agora é o guerreiro, a violência, as armas, os soldados, os canhões. São soldados que, estando "desempregados" depois da tomada de Granada dos muçulmanos, os reis lhes dão "emprego" para se livrarem deles: enviam-nos às Índias. Termina a "Reconquista" começada em 718 e inicia-se imediatamente a "Conquista".

32. A massa continental A do mapa do Apêndice 3. "Mangi" aparece no mapa de Martellus (Apêndice 4).

33. Região indicada no mapa de Martellus (Apêndice 4) como "quarta península" (massa continental B do Apêndice 3).

34. A primeira é a península arábica, a segunda a Índia, a terceira o Quersoneso (Málaga) e a quarta "América do Sul" colocada como continuação da China no mapa de Martellus.

35. Entre a massa A e B devia estar a passagem para a Índia (Apêndice 3).

36. *Lettera Rarissima*. Em: Navarrete, *Colección*, t. I, p. 303-304 (ver também *Die grossen Entdeckungen*, t. II, p. 181-183).

37. O'Gorman, o.c., p. 64-65.

38. Então continuava sendo o único "Oceano Occidentalis" de 1474 do Behaim-Globus (cf. *Die grossen Entdeckungen*, t. II, p. 12), em cujo centro estavam as Antilhas. Só em 1513, com o descobrimento através do Istmo do Panamá do novo Oceano graças a Balboa, o Mar Oceano se dividirá: o Mar del Sur (o futuro Pacífico de Magalhães) será separado do Mar del Norte (que ao norte do Panamá é o Caribe, o Atlântico), e a América aparecerá como Novo Mundo – o que Américo Vesúcio descobriu um pouco antes. O pequeno Sinus Magnus era na realidade o enorme Oceano Pacífico, o verdadeiramente desconhecido.

39. Sentido 4 do Apêndice 1.

40. Transição do sentido 4 para o sentido 7: o "eurocentrismo".

41. Se hoje explicássemos a um europeu "da rua" que o mito adâmico, de Adão e Eva, foi construído no Iraque que recebeu centenas de milhares de toneladas de bombas, lançadas pelos soldados da "Civilização Ocidental e Cristã" (Inglaterra, França, Espanha, Estados Unidos...), ele não acreditaria. Seria uma "crueldade" – para usar o conceito de Richard Rorty – ter sepultado debaixo de bombas lugar tão sagrado.

42. Com O'Gorman acontece o mesmo que com Freud. Este pretende descrever a sexualidade real, e objetivamente analisa a sexualidade "machista". O'Gorman descreve como historicidade americana algo determinado por um eurocentrismo mais estrito pretendendo criticá-lo.

43. Entenda-se bem. O'Gorman aplica a doutrina da "potência" e da "actualitas (enankheia)" de Aristóteles – como Alberto Caturelli em *América Bifronte*, a mais arrepiante interpretação reacionária, a partir da extrema direita, do não-ser americano: "América em estado bruto". O ser é a Europa; a "matéria" ou a "potência" é americana. Quer dizer, a América, como pensava Hegel, é pura potência, não ser.

44. Essa "forma" é a cultura ocidental. Além disso se pode ver que a "atualidade" é a "forma (matéria)", em bom aristotelismo.

45. *La invención de América*, p. 93. Para confirmar de uma vez seu eurocentrismo ontológico, escreve: "Isto quer dizer que a Europa, esse ente a cuja imagem e semelhança se inventou a América, tem por princípio de individuação a cultura européia, quer dizer, sua cultura própria; mas, pelo fato de ser sua, e por isso, algo particular, não supõe um modo de ser exclusivo e peculiar da Europa, já que concede a si mesma um significado universal" (*Ibid.*, p. 97). E conclui, para explicar essa tensão entre particularidade e universalidade na Europa: "é de se crer que radica nisto a primazia histórica da Cultura Ocidental (sic)... que, ao individualizar um ente determinado, como é o caso da Europa, o ser deste ente está perpétua e inteiramente ameaçada precisamente por aquilo que lhe dá seu ser como um ente particular, posto que seu significado universalista o excede" (*Ibid.*). O'Gorman descreve assim como a Europa (em sentido 6 do Apêndice 1), particularidade, leva em seu seio a Cultura Ocidental (sentido 8 do Apêndice 1), universalidade. O que não conseguem entender os que assim pensam é que a Cultura Ocidental é a passagem da particularidade para a universalidade sem novidade nem fecundação de alteridade alguma. Na realidade é só a "imposição" violenta a outras particularidades (América Latina, África e Ásia) da particularidade européia com pretensão de universalidade. A definição perfeita de "eurocentrismo". Como é possível

que um latino-americano exprima isto, perguntar-se-á um europeu. É justamente parte das contradições internas de uma cultura colonial e dominada como a nossa. Está introjetada em nosso próprio ser, pelo menos de suas elites dominantes desde Cortês e seus crioulos e mestiços descendentes, o ser do dominador.

46. Passagem do sentido 5 para o 6 do Apêndice 1.

47. "Modernização" (ontologicamente) é exatamente o processo imitativo de constituição, como a passagem da potência ao ato (um "desenvolvimentismo" ontológico), dos mundos coloniais com respeito ao "ser" da Europa (em que O'Gorman pensa que consiste o ser autêntico da América como invenção européia): a "falácia desenvolvimentista".

48. Ver entre outros: Fernand Braudel, *The Mediterranean and the Mediterranean World in the Age of Philip II*, Harper and Row, Nova Iorque, 2 vol., 1973; Idem, *The Wheels of Commerce*. Em: *Civilization and Capitalism: 15th-18th Century*, Collins, Londres, t. II, 1982; Immanuel Wallerstein, *The Modern World-System I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. Academic Press, Nova Iorque, 1974.

49. A abertura para o Atlântico será uma revolução imensa. Cf. Pierre Chaunu, *Séville et l'Atlantique (1504-1560)*, Paris, 11 tomos publicados entre 1957 e 1960.

50. Ver "Catigara" (hoje aproximadamente no Peru) no mapa de Martellus (Apêndice 4). Arnold Toynbee coloca Catigara perto de Macao (*Historical Atlas and Gazette*. Em *A Study of History*, Oxford Univ. Press, Londres 1959, p. 131). Então se pode ver claramente a confusão sobre a proximidade entre China e América do Sul pelo Pacífico.

51. Carta de 18 de julho de 1500. Vespucci, *Cartas*, 98; cit. em O'Gorman, *o.c.*, p. 122.

52. Seguindo o percurso inicial da seta 5 até o sinal de interrogação no Apêndice 3, mas perfeitamente desenhado em 1489 por Martellus (Apêndice 4).

53. Cf. Pierre Chaunu, *Conquête et exploitation des Nouveaux Mondes*, PUF, Paris, 1969, p. 177s. O domínio do Mar Islâmico ou Mar Árabe se realizará entre 1500 e 1515. Américo Vesputio teve alguma notícia do começo desta empresa, por se encontrar com Álvares Cabral de regresso das Índias (em 1501 nas ilhas de Cabo Verde).

54. Ver *Die grossen Entdeckungen*, t. II, p. 174-181.

55. Já indicamos esta massa no mapa de Martellus (Apêndice 4).

56. Vesputio descreve muitos elementos: que chegou até 60 graus de latitude sul, que descobriu novas estrelas, que é um continente, e com tantos e tão estranhos animais, que não acredita que tenham podido "entrar na arca de Noé", etc. (*Die grossen Entdeckungen*, p. 176-177).

57. "Ich habe ein Viertel der Erde umsegelt" (*Ibid.*, p. 176). O'Gorman diz que isto não significa um "quarto continente" (*o.c.*, p. 125), mas nos perguntamos, que outra idéia nos dá ao propor uma "quarta parte" e não um novo continente?

58. Ver mais adiante a Conferência 6, Excurso.

59. *O.c.*, p. 62. Para O'Gorman isto não tem nada de original. No entanto, passa-lhe despercebido que, ao mesmo tempo, Vesputio tem agora um novo sentido de "mundo": o "Novo" e o "Velho" mundo fazem parte de um só "mundo". Universalizou-se a visão do "Velho" mundo, que, por ser "Velho", já não é o "Atual". Quer dizer, existe um "novo" horizonte que compreende o velho e o novo mundos: o horizonte da Modernidade nascente, na consciência empírica do próprio Vesputio: Velho Mundo + Novo Mundo (nova particularidade) = um Novo Mundo Planetário (nova universalidade): "Eurocentrismo" será a identificação do Velho Mundo (como "centro") com o Novo Mundo Planetário.

60. Claro que ainda se trata somente da massa continental da América do Sul. A massa da antiga China continuava sendo confundida com a América do Norte; podia continuar sendo Ásia e não se sabia se estava ou não unida à massa do sul (ver *Die*

grossen Entdeckungen, p. 13-17). Na Espanha, Portugal e América Latina o nome que ficará até pleno século XIX é o de Índias Ocidentais, mas nunca América (nome dado pelas potências nascentes européias do Norte, que poderão desconhecer desde final do século XVII a Espanha e Portugal).

61. Sentido ontológico e teológico providencialista da "civilização" européia em Hegel.

62. *Philosophie der Geschichte*. Werke, Suhrkamp, Frankfurt, 1970, t. 12, p. 538.

63. "... barbarischen Voelkern" (*Ibid.*).

64. Este foi o tema originário da Filosofia da Libertação desde 1969. Todas as minhas obras, especialmente *Para una ética de la liberación latinoamericana* (Siglo XXI, Buenos Aires, t. I-II, 1973), e os três tomos posteriores – escritos até o momento do exílio na Argentina em 1975 –, analisam esta tese. Partindo do "segundo Heidegger", no fim da década de 60, da Escola de Frankfurt, especialmente Marcuse, tomando a posição ética de Emmanuel Lévinas, desenvolvemos uma ética a partir do "Outro (Autrui)" como índio, como mulher dominada, como criança alienada pedagogicamente, como o ponto de partida da obra citada escrita em cinco tomos (de 1969 a 1975, editados em 1973 em Buenos Aires até 1979 no México); é uma ética que analisa o fato da violenta "negação do outro" americano a partir do horizonte do "si-mesmo" europeu. Em 1982, tendo permanecido bom tempo pesquisando no México, onde publiquei em 1977 novamente os três primeiros tomos da *Ética de la liberación*, Tzvetan Todorov escreve sua obra *La conquête de l'Amérique. La question de l'autre*, Seuil, Paris, onde desenvolve com maestria as mesmas teses. Em 1978 aparecia em Salamanca, Sígueme, minha obra *Desintegración de la Cristiandad colonial y liberación*, onde escrevia num parágrafo sobre "a obra profético-apocalíptica de Las Casas" (p. 146s), e comentava o texto lascasiano de que "Deus há de derramar sobre Espanha seu furor e ira", expondo assim a temática da profecia, em que Las Casas acreditava, da destruição da Espanha pelas injustiças cometidas nas Índias. Concluiu: "Bartolomeu respeita o índio em sua exterioridade... o que indica exatamente a capacidade de superar o horizonte do sistema para se abrir à exterioridade do outro como outro" (p. 147). Todorov retoma o tema, inclusive com os mesmos textos (sem citar fontes) e palavras (p. 255s). O título destas Conferências de Frankfurt expressa então minha posição teórica há mais de vinte anos. A questão do aparecimento e negação do Outro como "en-cobrimento" foi o ponto de partida original de meu pensamento desde 1970 – exposto reiterativamente, até por excesso, em obras publicadas só em língua espanhola, que é como se permanecessem inéditas; estigma das culturas dominadas e periféricas.

65. *Historia General y Natural de las Indias*, libro III, cap. 60.

Conferência 3

DA "CONQUISTA" À "COLONIZAÇÃO" DO MUNDO DA VIDA (LEBENSWELT)

A causa (final) por que os cristãos mataram e destruíram tantas e tais e tão infinito número de almas foi somente por terem como seu fim último o ouro e se encher de riqueza em pouquíssimos dias e subir a estados muito altos e sem proporção a suas pessoas. (A causa foi) pela insaciável cobiça e ambição que tiveram... Devo suplicar a Sua Majestade com insistência importuna, que não conceda nem permita aquela que os tiranos inventaram, prosseguiram e cometeram, e que chamam *conquista*" (Bartolomé de las Casas, *Brevísima relación de la Destrucción de las Indias*, Introducción).

Passemos agora para a terceira figura: a "conquista". Por conquista entendemos agora uma relação não mais estética ou quase-científica da pessoa-natureza, como no "descobrimento" de novos mundos. Agora a figura é prática, relação de pessoa-pessoa, política, militar; não de reconhecimento e inspeção – com levantamento de mapas e descrição de climas, topografia, flora ou fauna – de novos territórios, mas da dominação das pessoas, dos povos, dos "índios". Não é mais a "theoria", agora é a "práxis de dominação". Na Espanha, desde o começo da Reconquista no distante 718, como consta nas *Partidas* do século XIII, a "conquista" era uma figura jurídico-militar. Em 1479 os reis católicos explicam que "enviamos certos nossos capitães e gentes para a *conquista* da Grande Canária, contra os canários infiéis, inimigos de nossa santa fé católica que nela estão"¹.

1. Uma fenomenologia do "ego conquiro (eu conquisto)"

Uma vez reconhecidos os territórios, geograficamente, passava-se ao controle dos corpos, das pessoas: era necessário "pacificá-las" – dizia-se na época. Quem estabelece sobre outros povos a dominação do mundo espanhol (posteriormente do europeu em geral) é um militar, um guerreiro. O "conquistador" é o primeiro homem moderno ativo, prático, que impõe sua "individualidade" violenta a outras pessoas, ao Outro. Se em "Terra Firme" (o atual Panamá) o primeiro conquistador-colonizador foi Vasco Nuñez de Balboa (assassinado em 1519² por Pedrarias, um nobre castelhano de segunda categoria), o primeiro que pode receber este nome é Fernando Cortês – e por isso o tomaremos como exemplo deste tipo moderno de *subjetividade*. No Caribe, de Santo Domingo a Cuba, a conquista não era assim; só havia tribos, etnias, povos indígenas sem cultura urbana. A dominação foi mais matança e ocupação desorganizada do que domínio sistemático. Totalmente distinta será a sorte do primeiro império conquistado no Novo Mundo.

Fernando Cortês, um pobre estremenho fidalgo³, nasceu em Medellín em 1485 ("no mesmo ano em que Lutero nasceu"⁴), indo aos quatorze anos estudar letras em Salamanca. Mas pouco tempo depois, "cansado de estudar e falto de dinheiro"⁵, em vez de partir para Nápoles, foi para as Índias, chegando em 1504 – um ano depois de Bartolomeu de las Casas, e no mesmo ano em que chegaram os primeiros escravos africanos à Hispaniola. Ficou cinco ou seis anos em Santo Domingo como encomendeiro, explorando os índios em suas "granjarias"⁶. Participou com Diego Velázquez da "conquista" de Cuba. "Extraiu grande quantidade de ouro com seus índios e em breve chegou a ser rico"⁷, e depois de muita aventura foi nomeado capitão para levar a cabo a "conquista" das terras de Yucatan descobertas em 1517. Desde a costa, as duas expedições de descobrimento puderam "ver edificios de pedra que até então não tinham sido vistos por aquelas ilhas e que as pessoas se vestiam tão rica e lucidamente"⁸. Os índios caribes andavam nus, não conheciam a técnica do tecido. Isso não acontecia com as culturas urbanas

- como veremos na Conferência 6 - que se encontravam todas nas costas do Oceano Pacífico. Os europeus, em seus "descobrimientos", desde Terra Nova até Patagônia, só tinham descoberto culturas aldeãs, de coletores e pescadores, mais ou menos nômades. As culturas urbanas se tinham ocultado da vista dos descobridores por mais de vinte e cinco anos, porque olhavam para o Oceano Pacífico. As primeiras que foram observadas não podiam ser outras, exatamente, que as que ficavam perto das costas caribenhas: as culturas maia e asteca.

A "conquista" é um processo militar, prático, violento que inclui dialeticamente o Outro como o "si-mesmo". O Outro, em sua distinção⁹, é negado como Outro e é sujeitado, subsumido, alienado a se incorporar à Totalidade dominadora como coisa, como instrumento, como oprimido, como "encomendado"¹⁰, como "assalariado" (nas futuras fazendas), ou como africano escravo (nos engenhos de açúcar ou outros produtos tropicais). A subjetividade do "conquistador", por seu lado, foi se constituindo, desdobrando lentamente na práxis. Cortês, que "naquele ano (1518) era alcaide, e como ele era alegre e orgulhoso e sabia tratar cada um conforme sua inclinação"¹¹, foi nomeado por Velázquez, como dissemos, "capitão geral" da "conquista" que se realizaria nas terras recentemente descobertas. Investiu toda a sua riqueza acumulada na empresa. E, comenta Torquemada, quanto a sua subjetividade:

Começou aqui a *tratar sua pessoa* como capitão geral; porque pôs casa com mordomo, camareiro e mestre-sala e outros oficiais, homens de honra¹².

O pobre fidalgo estremenho é agora "capitão geral" e se sente assim. O *ego* moderno ia sendo constituído. Partiram onze navios, 508 soldados, 16 cavalos, 10 peças de artilharia. À maneira da Cristandade, do próprio Constantino, nos é relatado:

A bandeira ou estandarte que Cortês levou nesta expedição era de tafetá negro com cruz vermelha, com algumas chamas azuis e brancas e uma letra em volta que dizia: *sigamos a cruz e com este sinal venceremos*¹³.

Cortês era muito competente em discursar a seu pessoal. Seus discursos antes de partir, nas batalhas, no triunfo não eram

vulgares. Havia fundamento e argumentava conseguindo um profundo "consenso" entre seus soldados, que "com o fervor das palavras mais se esforçam e desejam a consecução da vitória" - comenta Torquemada¹⁴. Aos 18 de fevereiro de 1519 deixavam Cuba. Costeando Yucatán, avançam depois de muitas aventuras para as costas orientais do império asteca (San Juan de Ulúa). Ali teve notícias dos astecas, de seu imperador Motecuhzuma - escreve Torquemada - que já estava inteirado das duas primeiras expedições espanholas a suas costas, pois os informantes tinham dado notícias ao imperador da expedição de Grijalva:

É o caso que todos juntos que aqui viemos vimos deuses que chegaram àquela costa em grandes casas de água (pois assim chamam os navios)... Motecuhzuma *ficou só e pensativo e muito desconfiado com a muita novidade em seus reinos... e se lembrou do que seu adivinho dissera...* e supôs que seria Quetzalcohuatl, a quem algum tempo adoraram como deus... e foi para aquelas partes orientais¹⁵.

É por isso que, quando chega a primeira embaixada do imperador a Cortês, ainda em seus barcos junto à costa, as palavras com as quais é descrito o fato são as seguintes:

Eles responderam que eram mexicanos, que vinham de México para buscar seu Senhor e Rei Quetzalcohuatl que sabiam que estava ali¹⁶.

Pela primeira vez Cortês sabe que é um "deus" para aquelas pessoas. Seu *ego* começa a se posicionar, definitivamente, de outra maneira:

Que quer dizer isto que dizem estes que aqui está seu rei e seu deus e que o querem ver? *Isto ouviu Fernando Cortês e ele com todos pensaram bem o caso*¹⁷.

E Cortês recebeu saudações de Deus e Senhor ("depois se prostraram por terra e a beijaram"):

Deus nosso e Senhor nosso, sejais muito bem-vindo que grandes tempos há que vos esperamos nós vossos servos e vassalos¹⁸.

E imediatamente "puseram na cabeça uma peça semelhante a um elmo, na qual havia muito ouro e pedras de muito valor".

No primeiro dia os embaixadores foram muito bem tratados. No segundo, pelo contrário, quiseram "espantar estes mensageiros... com disparos de artilharia, desafiando-os a lutarem". Os embaixadores, que não eram guerreiros nesse império sumamente institucionalizado, ficaram atemorizados e se negaram a lutar. Foram despachados violentamente como "efeminados" e lhes disseram:

Que fossem como tais a México pois eles vinham para *conquistar* os mexicanos e que em suas mãos morreriam todos¹⁹.

Assim se defrontaram dois "mundos". Um moderno, de sujeitos "livres", que decidiam de comum acordo; o outro, o do maior império do Novo Mundo, completamente limitado por suas tradições, suas leis adivinhatórias, seus ritos, seus cultos, seus deuses, e que repetiam em sua consciência:

Quem serão e de onde virão aqueles que hão de conquistar a nós, mexicanos, que somos poderosos, antigos e temidos em todos esses reinos?... Muito se admirou Motecuhzuma do que estes embaixadores disseram, e mudaram-se as cores de seu rosto e mostrou muito grande tristeza e desânimo²⁰.

Era uma luta desigual. Enquanto isso:

Cortês não perdia nenhuma oportunidade em que achava que podia ganhar reputação, e mandou pôr toda a sua gente em batalha, e que os arcabuzeiros disparassem e que os cavaleiros lutassem... maior o troar da artilharia, sendo para eles coisa tão nova²¹.

Era toda uma encenação pirotécnica, para "admirar" o "mundo" simbólico religioso dos índios. Os astecas estavam desorientados:

(Embora tivessem) pessoal de guerra, não (era) para se defender de invasões e guerras marítimas, porque nunca pensaram ter de se defender de povos estrangeiros, pois consideravam o mar inavergável²².

Assim se estabelecia, pela primeira vez, uma "relação" com o Outro, o "Fora", o Estrangeiro absoluto que procedia, como o Sol, do Oriente infinito do Oceano, não navegável para os mexicanos. Era o que daria o sentido à Nova Idade do Mundo:

a "relação" com o Estrangeiro absoluto, a dominação sob o Estrangeiro, divino, que vinha para conquistar, dominar, matar. A primeira relação, então, foi de violência: uma relação "militar" de conquistador-conquistado; de uma tecnologia militar desenvolvida contra uma tecnologia militar subdesenvolvida. A primeira "experiência" moderna foi a superioridade quase-divina do "Eu" europeu sobre o Outro primitivo, rústico, inferior. É um "Eu" violento-militar que "cobiça", que deseja riqueza, poder, glória. Quando os embaixadores do imperador mostraram faustos presentes de ouro, pedras preciosas e outras riquezas,

Todos os que viram o presente ficaram suspensos e admirados de tão grande riqueza, e ainda mais desejosos de ir adiante atrás de outro maior do que ele ou semelhante. Pois o ouro tem isto: aviva o coração e anima a alma²³.

E assim chegaram à primeira grande cidade, Cempoalla:

Entraram por um lugar e viram tão grande povoado, tão fresco e alegre, com casas feitas de adobe e outras de cal e pedra e tão cheios de gente pelas ruas que saíam para vê-los, resolveram chamar a terra Nova Espanha... Cempoalla era grandíssima povoação²⁴.

Cortês agia como os cristãos da reconquista, como os reis católicos diante de Granada. Pactuava com uns, dividia outros, e ia lentamente derrotando – em violentas batalhas nas quais os soldados, um punhado, demonstravam de todas as maneiras a prática adquirida em mais de sete séculos de luta contra os muçulmanos na península ibérica, o uso das armas de fogo, os canhões de pólvora, os bestiais cães treinados para matar, os cavalos tidos por deuses desconhecidos, etc. Agiam com tanta dissimulação, hipocrisia, mentira, maquiavelismo político de tão grande eficácia que desconcertavam os mexicanos, peritos no domínio de centenas de povos, mas de uma honestidade em sua palavra completamente ingênua para o homem "moderno":

Estendendo-se por toda a terra a chegada de gente tão estranha... não por temor de perder suas terras mas porque achavam que era *acabado o mundo*²⁵.

De fato, um "mundo" acabava²⁶ – e por isso é totalmente eufemístico, "grande palavra vazia", falar do "encontro dos

mundos", quando um deles era destruído em sua estrutura essencial. Era irremediavelmente o "fim do mundo asteca".

O encontro do "conquistador" com o imperador asteca é um momento central. Ninguém podia olhar "Motecuhzuma" no rosto. O Imperador, contra sua vontade, viu-se obrigado no final a receber Cortês à entrada da grande cidade. Cidade imponente, de dezenas de milhares de habitantes, com exércitos de cinquenta a cem mil homens de guerra, contra apenas trezentos soldados castelhanos. O mesmo Bernal Díaz del Castillo escreve:

Que homens houve no universo que tal atrevimento tiveram?... Desceu o grande Montezuma do andor... E como Cortês viu e entendeu e lhe disseram que vinha o grande Montezuma... chegou perto de Montezuma, e trocaram grandes acatos²⁷.

Frente a frente de um "conquistador", a partir de sua decisão livre e pessoal de enfrentar um Imperador e seu império, um quase-deus para seu povo mas determinado absolutamente pelos desígnios desses mesmos deuses expressos em augúrios, sortilégios, definições astrológicas e mitos, teorias e outras maneiras de "saber" o que se devia fazer. Um "Eu-moderno" livre, violento, guerreiro, hábil político, juvenil (expressão do "mito adâmico" afinal: tentado, mas livre, diria Paul Ricoeur²⁸), ante uma "função imperial" dentro de um "nós" necessário, trágico como o Prometeu acorrentado²⁹. Todos olhavam para a terra³⁰ diante do Imperador. O "Eu-conquistador" era o primeiro a olhá-lo de frente, com liberdade, e "foi nossa venturosa e atrevida entrada na grande cidade de Tenustitlan, México, no dia 8 do mês de novembro de 1519"³¹. No dia 13 de agosto de 1521 voltaria a entrar na cidade, mas destruindo-a e tomando-a³².

Do face a face de igual para igual com Moctezuma, agora Cortês terá o Imperador Cuahutemoc, o sucessor, humilhado e vencido diante dele:

Enquanto o foram chamar, Cortês mandou preparar um estrado da melhor maneira que pôde com esteiras e mantas e outros assentos... e logo veio Guatemuz e o levaram *perante Cortês*, e quando se viu diante dele o cumprimentou muito respeitosamente e Cortês com alegria o abraçou³³. E com isto acabou-se esta junta

e Cortês se fez *Senhor de México e de todos os seus reinos e províncias*³⁴.

"Ser Senhor" sobre outro antigo senhor: o "Eu-conquistador" é a proto-história da constituição do *ego cogito*; chegou-se a um momento decisivo em sua constituição como subjetividade, como "vontade de poder". Só o Imperador Carlos V está acima de Cortês. Só o rei da Espanha poderá declarar na Lei 1 do Título 1 do Livro I da *Recopilación de las Leyes de los Reynos de las Indias*:

Deus nosso Senhor por sua infinita misericórdia e bondade serviu-se de dar-nos sem merecimento nossa tão grande parte no *Domínio deste mundo*...³⁵

O rei da Espanha assinava nas Reais Cédulas – e vi isso pessoalmente repetidas vezes em meus trabalhos no *Archivo de Indias* de Sevilha: "Yo. El Rey", com grandes letras, impressionantes. O "Eu" cujo "senhorio" (o Senhor-deste-Mundo) estava fundamentado em Deus³⁶. O "conquistador" participa igualmente desse "Eu", mas sobre o rei na Espanha tinha a experiência existencial de confrontar seu "Eu-Senhor" ao Outro negado em sua dignidade: o índio como "si-mesmo", como instrumento, dócil, oprimido. A "conquista" é afirmação prática do "Eu conquisto" e "negação do outro" como outro.

Essa conquista era sumamente violenta. Dos primeiros aliados de Cortês em Zempoala não sobrou ninguém – uma peste aniquilou aquela numerosa, fresca e alegre cidade: este foi o fruto de se ter aliado a Cortês contra Moctezuma. O povo de Cholula foi arrasado. Mas nada é comparável à matança que Pedro Alvarado realizou, por pura traição, contra a nobreza guerreira asteca – quando Cortês tinha se ausentado para lutar contra Pánfilo Narváez. Convidou-os para uma festa, sem armas, num grande pátio junto aos templos:

Vieram (os espanhóis) para fechar as saídas, as entradas... Já ninguém (dos astecas) pôde sair. Imediatamente (os espanhóis) entram no pátio sagrado para matar as pessoas. Vão a pé, levam seus escudos de madeira, alguns os levam de metal, e suas espadas. Imediatamente cercam os que dançam, se lançam ao lugar dos tambores; deram um talho no que estava tocando;

cortaram seus dois braços. Depois o decapitaram; longe foi cair sua cabeça cerceada. A um tempo todos (os espanhóis) esfaqueiam, lanceiam as pessoas e lhes dão talhos; com as espadas os ferem. Atacam alguns por trás; imediatamente caíram por terra dispersas suas entranhas. De outros separaram a cabeça; decaparam-lhes a cabeça, inteiramente dilacerados ficaram seus corpos. Ferem aqueles nas coxas, estes nas barrigas da perna, os outros lá em pleno abdome. Todas as entranhas caíram por terra. E havia alguns que ainda em vão corriam; iam arrastando os intestinos e pareciam enredar seus pés neles. Ansiosos por se pôr a salvo, não achavam para onde se dirigir. Pois alguns tentavam sair: ali na entrada os feriam, os apunhalavam. Outros escalavam as paredes; mas não puderam se salvar...³⁷.

Na memória dos índios, hoje em dia, são lembrados atos semelhantes de crueldade. Para eles tudo isto tem "outro" sentido.

2. A "colonização do mundo da vida (Lebenswelt)

Colonização (*Kolonisierung*)³⁸ do mundo da vida (*Lebenswelt*) não é aqui uma metáfora. A palavra tem o sentido forte, histórico, real; é a quarta figura que 1492 vai adquirindo. "Colônia" romana (ao lado da "coluna" da lei) eram as terras e culturas dominadas pelo Império – que falavam latim (pelo menos suas elites) e que pagavam tributo. Era uma figura econômico-política. A América Latina foi a *primeira colônia* da Europa moderna – sem metáforas, já que historicamente foi a primeira "periferia" antes da África ou Ásia³⁹. A colonização da vida cotidiana do índio, do escravo africano pouco depois, foi o primeiro processo "europeu" de "modernização", de civilização, de "subsumir" (ou alienar)⁴⁰ o Outro como "si-mesmo"; mas agora não mais como objeto de uma práxis guerreira, de violência pura – como no caso de Cortês contra os exércitos astecas, ou de Pizarro contra os incas –, e sim de uma práxis erótica, pedagógica, cultural, política, econômica, quer dizer, *do domínio* dos corpos pelo machismo sexual, da cultura, de tipos de trabalhos, de instituições criadas por uma nova burocracia política⁴¹, etc., dominação do Outro. É o começo da domestica-

ção, estruturação, colonização do "modo" como aquelas pessoas viviam e reproduziam sua vida humana. Sobre o efeito daquela "colonização" do mundo da vida se construirá a América Latina posterior: uma raça mestiça, uma cultura sincrética, híbrida, um Estado colonial, uma economia capitalista (primeiro mercantilista e depois industrial) dependente e periférica desde seu início, desde a origem da Modernidade (sua "outra-face": *te-ix-tli*). O mundo da vida cotidiana (*Lebenswelt*) conquistadora-européia "colonizará" o mundo da vida do índio, da Índia, da América.

Antes de chegar ao México, em Tabasco (Yucatán), os caciques maias ofereceram luxuosos presentes a Cortês, "no final do mês de março de 1519"⁴². Junto com eles entregaram "vinte mulheres, entre elas uma muito excelente mulher, que se chamou dona Mariana"⁴³ – a Malinche, símbolo da mulher americana, índia, culta, conhecedora da língua maia e asteca, e que terá "um filho do seu amo e senhor Cortês"⁴⁴. Tempo depois, estando em Tlaxcala, aconteceu que:

Outro dia vieram os mesmos caciques velhos e trouxeram cinco índias formosas, donzelas e moças, e sendo índias (!) eram de bom parecer e bem ataviadas, e traziam para cada índia outra moça para seu serviço, e todas eram filhas de caciques (... e dirigindo-se a Cortês disse o principal:) Esta é minha filha, e não foi casada, que é donzela, tomai-a para vós; a qual entregou a ele e as outras foram dadas aos capitães⁴⁵.

O conquistador, um ego violento e guerreiro moderno nascente, era também um "ego fálico"⁴⁶. A situação poucas vezes era tão idílica – embora igualmente injusta – como no caso descrito da paz negociada com Tlaxcala. A violência erótica veio simplesmente mostrar a "colonização" do mundo da vida (*Lebenswelt*) indígena:

A força e violência nunca jamais ouvida nas demais nações e reinos (se faz aqui), já que são forçadas as mulheres (dos índios) contra sua vontade, e as casadas contra a vontade de seus maridos, as mocinhas e meninas de dez e quinze anos contra a vontade de seus pais e mães, por ordem dos alcaides maiores e ordinários ou carregadores as tiram de suas casas e deixam seus maridos, pais e mães sem nenhum regalo, privando-os do serviço

que delas podiam receber e vão forçadas servir em casas alheias de alguns encomendeiros ou de outras pessoas, quatro, cinco ou oito léguas e mais, em estâncias e manufaturas, onde muitas vezes ficam amancebadas com os donos das casas, estâncias ou manufaturas⁴⁷.

O conquistador mata o varão índio violentamente ou o reduz à servidão, e "se deita" com a índia (mesmo na presença do varão índio), se "amanceba" com elas, dizia-se no século XVI. Relação ilícita mas permitida; para outros necessária, mas nunca legal – de fato, o espanhol, quando podia, casava-se com uma espanhola. Trata-se da realização de uma voluptuosidade frequentemente sádica, onde a relação erótica é igualmente de domínio do Outro (da índia). Sexualidade puramente masculina, opressora, alienante, injusta⁴⁸. "Coloniza-se" a sexualidade índia, ofende-se a erótica hispânica, instaura-se a moral dupla do machismo: dominação sexual da índia e respeito puramente aparente pela mulher européia. Dali nasce o filho bastardo (o "mestiço", o latino-americano, fruto do conquistador e a índia) e o crioulo (o branco nascido no mundo colonial de Índias). Como ninguém, o escritor Carlos Fuentes narrou a contradição do filho de uma tal erótica:

Marina grita: oh, sai logo, meu filho, sai, sai, sai entre minhas pernas... sai, filho da embriagada... adorado filho meu... filho dos dois sangues inimigos... contra todos deverás lutar e tua luta será triste porque pelejarás contra uma parte de teu próprio sangue... (No entanto) tu és minha única herança, a herança de Malintzin, a deusa, de Marina, a puta, de Malinche, a mãe... Malinxochitl, deusa da aurora... Tonantzin, Guadalupe, mãe⁴⁹.

A "colonização" ou o domínio do corpo da mulher índia é parte de uma cultura que se baseia também no domínio do corpo do varão índio. Este será explorado principalmente pelo trabalho – uma nova econômica. No tempo da acumulação originária do capitalismo mercantil, a corporalidade índia será imolada e transformada primeiramente em ouro e prata – valor morto da objetivação do "trabalho vivo" (diria Marx) do índio:

Em 1552, o ano da surpresa de Innsbruck, a trágica situação de Carlos V abre amplamente as cautelosas comportas da Espanha... Em 1553 foi recebido em Antuérpia um envio oficial de prata com

destino aos Fugger... Os Países Baixos eram um grande centro monetário. Através de Antuérpia o metal americano passava para Alemanha, para o norte da Europa e as ilhas britânicas. Quem poderia dizer-nos exatamente o papel que esta redistribuição de moedas desempenhou na expansão das atividades européias, que, certamente, não ocorreu sozinha?⁵⁰

Porém, o que era ouro e prata na Europa, dinheiro do capital nascente, era morte e desolação na América. No dia 1º de julho de 1550, Domingo de Santo Tomás escreve de Chuquisaca (a atual Bolívia):

Faz quatro anos⁵¹ que, para se acabar de perder esta terra, descobriu-se uma boca do inferno pela qual entra cada ano grande quantidade de gente, que a cobiça dos espanhóis sacrifica a seu deus, e é uma mina de prata que se chama Potosí⁵².

A boca da mina representa metaforicamente para o narrador a boca de Moloc pela qual se sacrificavam vítimas humanas, porém agora não ao sanguinário Huitzilopchtli, mas ao "invisível" deus-capital (o novo deus da Civilização Ocidental e Cristã). A economia como sacrifício, como culto, o dinheiro (o ouro e a prata) como fetiche, como religião terrena (não celeste), semanal (não sabática, como dizia Marx em *A questão judaica*) começava sua caminhada de 500 anos. A corporalidade subjetiva do índio era "subsumida" na Totalidade de um novo sistema econômico nascente, como mão-de-obra gratuita ou barata (à qual se somará o trabalho do escravo africano).

É impossível narrar aqui a longa história da "colonização" cultural, econômica e política da América Latina original. O que foi dito só sugere o tema, somente o indica.

O "eu colonizo" o Outro, a mulher, o homem vencido, numa *erótica alienante*, numa *econômica capitalista* mercantil, continua a caminhada do "eu conquisto" para o "ego cogito" moderno. A "civilização", a "modernização" inicia seu curso ambíguo: racionalidade contra as explicações míticas "primitivas", mas afinal mito que encobre a violência sacrificadora do Outro⁵³. A expressão de Descartes do *ego cogito* em 1636 será o resultado ontológico do processo que estamos descrevendo: o *ego* como origem absoluta de um discurso solipsista.

1. Citado em Silvio Zavala, *La filosofía de la conquista*, FCE, México, 1977, p. 24.
2. Ver Carl Ortwin Sauer, *Descubrimiento y dominación española del Caribe*, FCE, México, 1984, p. 369s; Georg Friederici, *El carácter del descubrimiento y la conquista de América*, FCE, México, 1987.
3. "Filho de alguém" (= fidalgo), nobreza baixa. Seguiremos o relato de Frei João de Torquemada, *Monarquía Indiana*, liv. IV (UNAM, México, t. II, 1976), já que se ocupa, como diz em seu prólogo, "Da conquista do México": "No ano do nascimento de nosso senhor Jesus Cristo de 1519, governando sua igreja no sumo pontificado de Roma o papa Leão X e sendo monarca dos príncipes cristãos o mui católico imperador don Carlos V deste nome... desembarcou nesta terra de Anahuac o famosíssimo e não menos venturoso capitão Fernando Cortês" (p. 7).
4. *Ibid.* Torquemada acrescenta: "Lutero nasceu em Islébio, cidade da Saxônia; Fernando Cortês nasceu em Medellín, cidade da Espanha, de Estremadura... este cristão capitão para trazer ao grêmio da Igreja católica romana infinita multidão de gentes" (p. 7). Torquemada, em plena cruzada antiluterana, nos mostra de todas as maneiras que a Modernidade – no sentido mais amplo que o weberiano ou habermasiano – tem duas faces: a européia com a Reforma, e a "outra face" no mundo periférico. É uma visão universal (europeu-latino-americana). Além disso, Torquemada anota que em 1485 foi consagrado o "templo maior" dos astecas no México (o.c., Prólogo, p. 8). O que permite ao autor dizer que, tendo Deus escutado "a aflição deste miserável povo" asteca, chamou Cortês no seio de sua mãe, "como um novo Moisés no Egito" (*ibid.*). Estamos longe de aprovar qualquer uma das interpretações de Torquemada – já que faz o conquistador passar por libertador, como também o interpretará Ginés de Sepúlveda –, só queremos ressaltar que agora se move em "três" cenários: o centro-europeu (Lutero), o hispânico (Cortês) e o asteca (México).
5. *Ibid.*, cap. 1, p. 13.
6. Hoje poderíamos traduzir esta palavra por "business".
7. *Ibid.*, p. 16.
8. *Ibid.*, cap. 3, p. 19. Claro que o que mais entusiasmou os de Cuba foi o seguinte trecho do relato: "Porque a conversa daqueles tempos, e pessoas, não era outra; que quase se pareciam com o rei Midas, que todo seu deleite era o ouro e a prata e não tratava de mais do que de riqueza" (p. 21).
9. Em minha *Filosofía de la liberación* distingue-se entre "diferente" interno à Totalidade, e "distinto" com real alteridade (ver o índice de conceitos no fim da citada obra).
10. Figura da economia colonial latino-americana – que se usava também na Andaluzia dos islâmicos. Um certo número de índios era "encomendado" (posto à disposição) ao conquistador para trabalharem gratuitamente (seja no campo, na busca do ouro nos rios ou na mineração [isto também se chamava *mita* no Peru]). Diversas maneiras da nova dominação que a modernidade iniciava na Periferia mundial.
11. *Ibid.*, cap. VI, p. 32.
12. *Ibid.*, cap. 7, p. 37.
13. *Ibid.*, p. 39. Cortês se auto-interpretava, então, como um novo Constantino, fundador da "Nova Cristandade das Índias" (como escreverá, com outros propósitos, Toríbio de Mogrovejo, arcebispo de Lima, anos depois).
14. *Ibid.*, cap. 8, p. 41.
15. *Ibid.*, cap. 13, p. 58-59. Na Conferência 6 voltaremos ao "mundo" de Motecuhzuma, para chamá-lo como o fazia Torquemada. Por ora não nos situaremos nunca do seu ponto de vista hermenêutico.

16. *Ibid.*, cap. 14, p. 63.
17. *Ibid.*
18. *Ibid.*
19. *Ibid.*, p. 64.
20. *Ibid.*, cap. 13-14, p. 66-67.
21. *Ibid.*, cap. 16, p. 70.
22. *Ibid.*, p. 70.
23. *Ibid.*, cap. 17, p. 73.
24. *Ibid.*, cap. 19, p. 81. "Pela grandeza do lugar e formosura dos edifícios alguns chamaram-na Sevilla; e outros, por seu frescor e abundância de frutas, Villa Viciosa" (*Ibid.*, p. 82).
25. *Ibid.*, cap. 22, p. 91. Mais adiante lemos: "Diziam que os sinais e prodígios que tinham sido vistos... não podiam significar (senão) o fim e acabamento do mundo, e assim era grande a tristeza das pessoas" (*ibid.*). É interessante notar que para Hegel a história da Europa é "origem e fim da História", ao passo que para os índios a presença "modernizadora" da Europa era "o fim e acabamento do mundo". A mesma coisa tem um sentido exatamente contrário a partir da "outra face" da Modernidade. Ver Conferência 8.2.
26. Cf. Conferência 8.2.
27. *Verdadera Historia de los sucesos de la Conquista de la Nueva España*, cap. 88, Biblioteca de Autores Españoles, Madrid, 1947, t. II, p. 83.
28. Cf. minha obra *Para una ética de la liberación latinoamericana*, Siglo XXI, Buenos Aires, 1973, t. II; especialmente outra minha obra *El humanismo semita*, EUDEBA, Buenos Aires, 1969.
29. Cf. minha obra *El humanismo helénico*, EUDEBA, Buenos Aires, 1976.
30. "E quando se voltavam com seu senhor estávamos olhando o que acontecia, os olhos postos em terra, sem olhar para ele e muito apoiados à parede" (B. Díaz del Castillo, *Ibid.*). Ninguém olhava diretamente para o imperador; o imperador olhava para todos mas nunca se via olhado. Agora de repente, todos os "conquistadores" não só Cortês, mas até o mais infimo soldado – o próprio Bernal Díaz del Castillo o olhavam face a face de igual para igual. O Imperador estava aterrado, silencioso. Não pela falta de respeito mas pelo não cumprimento de todos os mandamentos divinos: era o "fim do mundo".
31. B. Díaz del Castillo, o.c., p. 84.
32. Com Cortês teve "duzentos mil índios de cidades amigas e confederadas, novecentos infantas castelhanos e oitenta cavalos, dezessete peças de artilharia de pouco peso, treze bergantins e seis mil canoas. Morreram menos de cem castelhanos (!), alguns poucos cavalos e não muitos índios amigos... Dos mexicanos morreram cem mil (!)..., sem que pudessem de fome ou por peste" (Torquemada, o.c., cap. 1, p. 312). A proporção é quase exatamente a mesma da guerra do Golfo de 1991: morreram cerca de 120 "marines" dos Estados Unidos e mais de 100.000 soldados do Iraque, sem contar os civis nem os que morreram posteriormente por lutas fratricidas, fome e doenças. Em 500 anos a violência "moderna" guarda a mesma proporção.
33. B. Díaz del Castillo, o.c., cap. 156, p. 195.
34. J. Torquemada, o.c., cap. 102, p. 311. "Junta" tem o sentido de "governo".
35. Cf. esta citação e seu comentário em minha obra *Filosofía ética latinoamericana*, Edicol, México, t. III, 1977, p. 41.
36. Hegel escreveu: "A religião é o fundamento (Grundlage) do Estado" do Estado como Cristandade, criticada por Kierkegaard e Marx, pelos mesmos motivos.
37. *Informantes de Sahagún*, Códice Florentino, livro XII, cap. 20 (versão de Angel Maria Garibay). Seria interessante, como comparação, ver o que foi a "conquista", por

exemplo em Massachusetts. Não mais do ponto de vista da Espanha (católica) mas da Inglaterra (anglicana). Cf. as obras de Neal Salisbury, *Manitou and Providence: Indians, Europeans and the Making of New England, 1500-1643*, Oxford University Press, Nova Iorque, 1982; Eward Johnson, *Wonder-Working Providence of Sion's Savior in New England*. Em: Heimert-Delbanco, *The Puritans in America*, Harvard University Press, Cambridge, 1985; John Eliot, *John Eliot's Indian Dialogues A Study in Cultural Interaction*, Henry W. Browden-James Ronda, Greenwood Press, Westport (CT), 1980.

38. Esta seria a quarta figura (*Gestalt*) depois da "invenção", "descobrimento" e "conquista".

39. Esta é a tese de E. Wallerstein, *The Modern World-System*. Ed. cit. p. 300s: The european World-economy: Periphery versus Arena. Para Wallerstein a Rússia, Polónia e a Europa do Leste, do século XV e XVI são a periferia (*periphery*) continental da Europa. As colónias portuguesas desempenham o papel de uma "external Arena" (Brasil no século XVI, África e Ásia). Só a América Latina (e a partir do século XVII a América do Norte) hispana é uma "external Periphery": "The Americas became the Periphery of the European world-economy in the sixteenth century while Asia remained an external arena" (p. 336). Tudo isto se baseará, durante um século (1546-1640), na exploração em massa da prata (o primeiro Dinheiro mundial), e em menor medida o ouro. Wallerstein escreve: "We have defined a world-system as one in which there is extensive division of labor... World-economies then are divided into core-states and *peripheral areas*" (p. 349). Encontramo-nos na própria origem absoluta do primeiro "Sistema mundial" - sistema num sentido estrito, com outro conteúdo do que o de N. Luhmann ou J. Habermas.

40. Ver minha *Filosofía de la Liberación*, 2.5: Alienación.

41. Max Weber não imagina que no *Archivo de Indias* de Sevilha se encontram 60 mil maços (mais de 60 milhões de papéis) da "burocracia" espanhola referente a América Latina do século XVI ao XIX. A Espanha foi o primeiro Estado moderno burocratizado. Quando Fernando Cortés se lança contra os guerreiros de Tlaxcala, no meio de tantas penúrias, relata Díaz del Castillo: "E disse a um de nossos soldados, que se chamava Diego de Godoy, que era *escrivão de sua majestade* (t), que olhasse o que se passava e desse testemunho disso se houvesse mister, para que algum tempo (depois) não nos demandassem as mortes e danos que se requeressem, pois requeríamos com a paz" (o.c., cap. 64, p. 56). Quer dizer, Cortés faz com que o *escrivão* testemunhe, para se defender no futuro de possíveis acusações. O que não impede que imediatamente gritasse, como ordem de começar a luta: "Santiago y a ellos" (*Ibid.*). Como quem diz: "À luta!", Cortés lança o apóstolo São tiago da Reconquista contra os tlaxcaltecas, como os muçulmanos lançavam Maomé contra os infieis na Guerra Santa. O que teria pensado o pobre apóstolo São Tiago, tão exigente ético e familiar de Jesus, ao se ver envolvido naquelas lides militares!

42. Bernal Díaz del Castillo, o.c., cap. 36, p. 30.

43. *Ibid.*

44. *Ibid.*, cap. 37, p. 32. Sobre esse "filho" de Malinche falaremos depois, porque é o latino-americano propriamente dito: o "mestiço" de cultura sincrética ou híbrida.

45. O.c., cap. 77, p. 68.

46. Sobre este conceito ver o capítulo A *Erótica Latino-americana* em minha obra *Filosofia ética latinoamericana*, t. III, Edicol, México, 1977, p. 60. Ali escrevíamos: "A totalidade mundana é constituída a partir de um *ego fálico* e a mulher é definida como um objeto passivo delimitado enquanto não-eu: não-falo ou castrada. A mulher sobra a posição de dominada e reduzida ao não-ser em ou diante da Totalidade-masculina" (p. 60).

47. Inédito da carta de Juan Ramírez, bispo de Guatemala, de 10 de março de 1603 (*Archivo General de Indias*, Sevilha, Audiência de Guatemala 156).

48. Conta-se que Michele de Cuneo recebeu de Colombo uma donzela caribe de presente: "Meteu-se em seu quarto com sua Briseida, e como esta estivesse nua conforme seu costume, ele teve vontade de se divertir com ela. A ferazinha se defendeu asperamente com as unhas. Mas então nosso valente Michele tomou uma grossa corda e se pôs a lhe dar uma surra tão boa e tão forte que lançava gritos inauditos... até amansá-la, sorri Michele satisfeito (... dizendo:) É preciso vê-la quando se põe a fazer amor" (citação de Antonello Gerbi, *La naturaleza de las Indias nuevas*, FCE, México, 1978, p. 49; traduzimos do italiano e eliminamos textos). Fatos como estes nos mostram o sadismo cínico daqueles homens diante das mulheres índias indefesas.

49. Todos los Gatos son Pardos. Em: *Los reinos originarios*, Barral, Barcelona, 1971, p. 114-116.

50. Fernand Braudel, *El Mediterráneo y el mundo mediterráneo*, t. I, FCE, México, 1953, p. 406-408.

51. É o ano de 1545 em que é descoberta a maior mina de prata de todos os tempos modernos na Bolívia.

52. *Archivo General de Indias*, Audiência de Charcas 313.

53. Ver o Apêndice 2.